BIBLIOTHECA PARTICULAR DE A. ARIO YPIRENEA MONE

Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico e Etnographico do Brasil
Tomo XL - parte primeira. Rio de Janeiro, 1877

# ESTUDOS

SOBRE A

# TRIBU « MUNDURUCU' »

## MEMORIA

ESCRIPTA E LIDA PERANTE O INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO BRASILEIRO

Pelo engenheiro

ANTONIO MANOEL GONÇALVES TOCANTINS

Socio correspondente do mesmo Instituto.

---

## I

Viagem ás aldêas centraes dos *Mundurucús*, situadas no valle do Alto Tapajoz.—Itinerario de Belem, capital da provincia do Pará, até essas aldêas.—Scenas da vida selvagem.

A 18 de Junho de 1875 parti de Belem, com destino ao Alto Tapajoz.

A viagem de Belem a Santarem pelo rio Amazonas, e de Santarem á Itaituba pelo Tapajoz, é feita em cinco dias, em um dos grandes vapores da companhia do Amazonas.

Em Itaituba embarquei em uma pequena canôa, tripolada por oito indios, quasi todos da tribu *Maués*, e penetrei pelas cachoeiras do Alto Tapajoz.

Com dez dias de viagem cheguei á Missão do Bacabal, que o governo imperial mandou fundar, e que foi effectivamente fundada á margem direita do Tapajoz em 23 de Fe-



Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

vereiro de 1872 por Fr. Antonino e por Fr. Pelino de Castrovalva. Esta missão contém cerca de quinhentos indios da tribu *Mundurucú*.

O missionario Fr. Pelino, unico que então ahi se achava, pois que o seu companheiro já se havia retirado do Bacabal, cedeu-me para interprete um indio *Mundurucú*, que, além do seu dialecto, tambem comprehende e falla as linguas portugueza e *tupi*.

Continuei minha viagem pelo Tapajoz acima, e com cinco dias, a contar da Missão do Bacabal, cheguei á foz do rio Caderery, affluente, pelo lado direito, do mesmo Tapajoz.

Ahi devia eu encontrar, segundo se me havia dito, um audaz sertanejo, que conhece o caminho que leva ás aldêas centraes. Infelizmente, porém, não o encontrei. Ninguem de minha tripolação conhecia ao menos o curso do rio Caderery.

Estava eu embaraçado, por falta de guias e de informações, quando vimos por acaso apparecerem na praia dois selvagens *Mundurucús*.

Perguntámo-lhes, por intermedio do interprete, que tempo nos seria necessario para chegarmos ás fontes do Caderery.

O mais idoso dos dois selvagens respondeu pelo seguinte signal: com o dedo indicador apontou para o nascente, descreveu uma semi-circumferencia na direcção do curso apparente do sol até o poente, acompanhando este movimento com o olhar, gestos e vozes expressivas, e repetiu pausada e distinctamente seis vezes a mesma mimica de tal sorte, que, antes que o interprete o houvesse traduzido, já eu comprehendêra que o selvagem queria dizer que seriam necessarios seis dias.

Disse-nos mais que, ás cabeceiras do Caderery, encontrariamos outros indios, que nos poderiam guiar até a aldêa de Necodemos, de onde elle e seu companheiro vinham.

Este nome de Necodemos, que os *Mundurucús* deram a uma de suas principaes aldêas, impressionou-me, pois é o appellido do judeu generoso e compassivo, que fez modestas honras funebres a Christo, dando-lhe um lençol para amortalhar-lhe o cadaver e um sepulchro para o guardar.

Porque deram os *Mundurucús* este nome á sua aldêa não o sei dizer. Presumo que a identidade de nome nada mais seja do que o effeito de méro acaso.

Como quer que seja, resolvi-me a procurar a aldêa de Necodemos de preferencia a qualquer outra.

Alguns guerreiros d'essa aldêa, segundo referiu ainda o mesmo informante, tinham chegado, poucos dias antes, de uma guerra, e conservavam duas cabeças de inimigos mumificadas, collares de dentes humanos e outros trophéos.

E não tive de arrepender-me d'essa preferencia, porque em Necodemos fui bem recebido, e encontrei mais viva do que em outra qualquer parte a tradição da genesis *Mundurucú*, que considera justamente esta *maloca* ou aldêa como o berço do genero humano.

Segui pelo Caderery acima. Rio singular! Todos os dias tinhamos de passar á força de braços nossa ligeira embarcação por cima de bancos de arêa. Aqui confirmei a opinião que havia formado de que o Caderery, assim como o Araguaya, Juruena, Mamoré, e outros affluentes superiores que alimentam os grandes tributarios meridionaes do Amazonas, taes como o Tocantins, o Tapajoz, o Madeira e outros, se esgotariam totalmente durante o verão, ficando os alveos a sêcco se não fossem as cachoeiras do curso médio, que servem de comportas a tão impetuosa corrente. O declive geral do curso médio d'esses grandes affluentes do Amazonas, que descem do planalto central, é maior do que convem para constituir um curso d'agua nas condições normaes de um rio.

Emfim, ao amanhecer do sexto dia calculado pelo indio, encontrámos uma arvore atravessada sobre o rio, em fórma de ponte, e á margem uma tosca cabana. Não havia pessoa alguma. Tocámos buzina para chamar á falla o proprietario da cabana, que devia achar-se caçando nas matas vizinhas. Não apparecendo ninguem, seguimos viagem, deixando eu alguns insignificantes presentes para annunciar a passagem de pessoa amiga.

Julguei dever proceder d'este modo lembrando-me que o capitão-tenente Soares Pinto fôra atacado e morto pelos selvagens por haver destruido pontes que elles haviam lançado sobre o rio. Ora, não se póde fazer esta navegação sem destruir as pontes, e nem sempre é possivel restaural-as.

Por isso, todas as vezes que eu não podia collocal-as de novo sobre os mesmos lugares, pois que ainda encontrámos n'esse dia mais quatro pontes, deixava presentes para de alguma sorte compensar o prejuizo que causava ao selvagem. No fim d'esse dia tornou-se o rio totalmente innavegavel: era-nos impossivel levar nossa canôa mais adiante. Felizmente, n'esta apertada conjunctura, encontrámos uma outra ponte sobre o rio e uma cabana á margem; tocámos buzina com persistencia, e vimos por fim apparecer um velho indio, acompanhado de uma india, que teria trinta annos de idade, e cinco crianças menores, uma das quaes ainda de peito. Chegaram em seguida dois robustos rapazes.

Escusado é dizer que todos os indios que encontrámos n'essas alturas, homens e mulheres, velhos, moços e crianças, estavam inteiramente nús.

Facilmente reconhecemos que esta familia pertencia á tribu *Mundurucú*, porque a moça, os rapazes e o velho, estavam todos pintados no rosto, no peito e em todo o corpo. com os losangos e outras figuras caracteristicas da tribu

O velho *Mundurucú*, maior seguramente de setenta annos e já quasi surdo, recebeu-nos com indifferença, assim como os dois rapazes. A moça e as crianças pareciam transidas de susto e de espanto.

Aqui pousámos e passámos a noite.

## II

### Trajecto da cabeceira do Caderery á aldêa de Necodemos, nas campinas.

Na madrugada do dia seguinte, por um estreito e tortuoso trilho, partindo da cabeceira do Caderery, onde deixámos nossa canôa, embrenhámo-nos por estas matas seculares, cujos troncos carcomidos parecem ainda cobertos das vasas de um diluvio universal. Um dos dois rapazes servia-nos de guia.

Não tinhamos caminhado muito, quando ouvimos latir de cães, e logo depois encontrámos um lindo rapaz de dezeseis a dezesete annos de idade. Ao avistar-nos não manifestou a menor sorpresa; pelo contrario, sua physionomia risonha exprimiu alegria infantil.

Parecia que já nos esperava e que eramos amigos de longa data, pois elle tomou logo a dianteira de nossa caravana, e guiou-nos á sua cabana situada á beira do caminho, na margem de um lindo regato. A cabana era coberta e cercada de folhas de palmeira; dez cães gordos annunciavam que ahi reinava a abundancia.

Sobre os madeiros do tecto estavam suspensas dez rêdes, arcos, flechas, cuias e outros objectos. O rapaz offereceu-nos uma cuia cheia de fructos da palmeira muruty (*mauricia venifera*); mostrava os maiores desejos de nos

obsequiar, e declarou-se prompto a nos acompanhar até Necodemos se seu pai consentisse. Tocámos buzina para chamar o pai, e após uma hora de espera, vendo que ninguem acudia ao chamado, resolvi seguir adiante, e segui effectivamente, deixando com pezar este sympathico selvagem, que em sua cabana me recebêra com tamanha alegria.

A' tarde, tendo atravessado a mata, caminhando sempre a pé, sahimos em uma vasta campina, e avistámos sobre o cume de uma collina a *maloca* ou aldêa de Absenanty.

O que, porém, eu achava singular é que faziamos esses encontros quando menos esperavamos, pois nunca consegui do guia que dissesse de antemão o caminho que deviamos seguir, nem quaes as habitações que deviamos encontrar.

A aldêa de Absenanty estava em construcção; constava ainda apenas de uma vasta casa nova, com o tecto coberto de palha, o qual consistia em um simples lanço baixo para o lado do poente e elevado para o lado do nascente.

Não encontrámos pessoa alguma n'esta casa, mas um crescido numero de rêdes, arcos e flechas, que vimos suspensos do tecto, indicava que era ella habitada por varias familias.

O fogo estava acceso; como de costume tocámos buzina para chamar os donos da casa.

Não tardou muito, que appareceu com ares de desconfiado um rapaz de fórmas esbeltas, trazendo á mão uma criança de menor idade, que estava muito assustada e agitada.

Esse rapaz teria cerca de vinte annos de idade; a pintura do rosto ainda não estava concluida; continha apenas os losangos; na parte que consiste em uma camada unida de tinta negra, usada pela tribu, ainda não estava feita. Estes traços, com uma regularidade toda geometrica, e com

côres frescas e vivas, sobresahindo sobre a tez ainda com o viço da mocidade, davam á physionomia do selvagem certa graça bastante original.

Quando estava para anoitecer disseram-me que algumas mulheres, crianças e homens, que vinham das matas circumvizinhas recolhendo-se á *maloca*, haviam parado junto a um ribeiro vizinho, e hesitavam em vir para casa, porque nós ahi estavamos.

A' vista d'isto levantei acampamento, e fui pousar uma milha distante, deixando o interprete para passar a noite em Absenanty e convencer aquella gente desconfiada de que não tinhamos o menor proposito de lhe fazer mal. Continuámos nossa viagem na madrugada do dia seguinte, atravessando successivamente matas e campinas.

Ao atravessar uma d'estas matas vi um dos quadros mais tocantes da vida selvagem. Encontrei junto a um d'esses numerosos regatos que correm em todos os sentidos, e que constituem as fontes do Caderery, uma joven familia. O chefe não tinha mais de dezoito annos, e sua companheira não tinha mais de quinze ou dezeseis, e já trazia nos braços uma criança de poucos mezes. Estavam acompanhados por uma india idosa. O joven casal não tinha ainda o rosto nem o peito pintado com as tintas indeleveis da tribu ; mas a moça, que sahia do banho no regato, havia pintado as faces com tinta de urucú, que lhe dava a graça infantil. Esse interessante casal, ao vêr-nos passar, deu mostras visiveis de sorpresa e de susto.

Cançado, e com pressa de chegar ao termo da viagem, nem mesmo me foi possivel deter-me alguns minutos para dirigir palavras de sympathia a esses pobres selvagens, mesmo porque na occasião não se achava presente o interprete.

Uma toalha ao menos desejava eu offerecer para ampa-

rar dos raios ardentes do sol aquellas duas crianças, mãi e filho, que tinham de atravessar vastas campinas desabrigadas; mas nossa gente, aliás insubordinada, como são os indios *Maués*, apenas levava o estricto necessario para nossa subsistencia.

Esboçámos com tudo aqui este tocante quadro para mover a sympathia pelos miseros selvagens, sobre os quaes pesam grandes infortunios.

## III

Chego á aldêa de Necodemos.—Os *Mundurucús* me offerecem agazalho e boa hospitalidade.

Após cinco dias de incessante caminhar, a contar do ponto onde haviamos deixado a canôa, á cabeceira do Caderery, avistámos, emfim, ao longe, uma columna de fumo, que se erguia da *maloca* de *Nécodemos*.

A' tarde vi-me quasi perdido nos trilhos que conduzem ao aldêamento. Os indios *Maués* que me acompanhavam, o proprio guia e o interprete, seguindo adiante, me haviam deixado atraz, com dois companheiros, e tinham já chegado á *maloca*, emquanto eu ainda procurava a custo acertar com o caminho, guiando-me apenas pelo som de uma buzina que ouvia tocar diante de mim.

Era um indio *Mundurucú* de Necodemos, que viéra generosamente a meu encontro, e tocava seu instrumento justamente para guiar-me.

Grande foi minha satisfação quando, já quasi noite, encontrei este selvagem, que teria de trinta e cinco a quarenta annos de idade, e era baixo, gordo, escuro e feio, mas tão alegre e tão risonho que parecia uma criança.

Cheguei a Necodemos ás 7 horas da noite.

Realizava, emfim, um dos maiores desejos que sempre tive, isto é, vêr uma tribu selvagem em seu estado primitivo, exactamente como devêra estar antes da descoberta do Brasil, vivendo a lei da natureza, sem contacto algum de idéa com outros povos, que lhe alterasse as crenças e tradições.

Pensadores ha, que não admittindo as tradições biblicas, entendem que o genero humano começou sua peregrinação sobre a terra partindo das trévas, e d'este estado de nudez e selvageria, que eu via diante de mim, para, guiado pela luz da razão e pela Providencia, elevar-se até o actual estado de civilisação. Esta doutrina é mais consoladora do que a que representa o homem decahido de um paraiso de luz e de bemaventurança; decahido por ligeiras faltas que não commettêra, até o extremo de miseria em que jazem estes infelizes selvagens.

Quando cheguei, estavam de pé no terreiro cerca de oitenta robustos *Mundurucús*, que me esperavam e me receberam com mostras de não dissimulada curiosidade.

Para mim não era menos curioso o aspecto d'estes homens, pintados todos com desenhos tão identicos, que pareciam guerreiros vestidos de rigoroso uniforme. Dezenas de fogueiras, que ardiam no terreiro, davam a este quadro um aspecto sinistro, lançando reflexos sobre estes largos peitos nús, côr de bronze.

Cumprimentei-os, dando-lhes a boa noite com uma das poucas palavras da lingua, que eu havia para este fim estudado: « Chipate. » Todos me responderam: « Chipate. » Um d'elles dirigiu-se a mim e offereceu-me cêa por outra palavra, que eu tambem já conhecia: « Cobicobi. »

Dirigi-me em seguida para uma das extremidades da vasta casa, onde habitam os homens sómente, e ahi fixei o meu aposento.

Os *Mundurucús*, que tinham para este lado as suas rêdes, e cuja vizinhança me poderia incommodar, cederam-me graciosamente o lugar, levando-as para outro lado.

Devo deixar bem patente a generosa hospitalidade que recebi em Necodemos, tanto mais de sorprender, quanto procedia de barbaros, inteiramente estranhos a nosso trato social. Tudo foi posto á minha disposição; nada fizeram que podesse enfadar-me ou contrariar-me.

Velhos e moços fizeram um circulo em torno de mim. Não havia ahi uma só mulher nem mesmo criança do sexo feminino. No extenso casarão, onde me alojei, situado no meio da aldêa e chamado « ekçá, » só são admittidos homens.

Minha visita foi uma festa para os selvagens; admiravam com curiosidade tudo quanto viam: a vela de spermacetti que accendi, o relogio, a mala de viagem, a carteira; tudo examinavam, passando de mão em mão, no meio de ruidosas gargalhadas.

Assim levámos até meia-noite; os *Mundurucús* apreciavam muito esta diversão, unica em sua vida, quando me nos o esperavam. Por fim disse-lhes que estava cançado, e elles me reponderam: « Pois então dorme. » E immediatamente cada um retirou-se para sua rêde, dizendo-me: *Até amanhã*—« Cuia dhê. »

Mas estes barbaros têm o costume de tocar buzina durante toda a noite no seu quartel ou *ekçá*. Parece um signal de alerta. Ora um, ora outro, que na occasião desperta, tira-se de seus cuidados, lança mão da buzina, que tem sempre suspensa ao tecto sobre a rêde, e leva a tocal-a durante o tempo que lhe parece. Após este, outro faz o mesmo. E esta musica monotona e tristonha echôa lugubremente pelas matas circumvizinhas. E' gosto puramente selvagem.

## IV

Um *Mundurucú* me faz presente da cabeça mumificada de uma moça da tribu *Parintintin*, e conta-me como e por que matára esta moça.

Um d'estes barbaros, de vinte e cinco a trinta annos de idade, expansivo e desembaraçado, orador verboso, no dia seguinte me fez presente da cabeça mumificada de uma moça da tribu *Parintintin*. Esta cabeça, que se acha

actualmente no museu nacional, conserva sua abundante cabelleira; na frente está raspada, como se fôra á navalha. Assim, a fronte parece prolongar-se sobre a cabeça até quasi o meio; no centro d'essa fronte artificial destaca-se uma mecha circular de cabellos negros. Trazia um ornato

de pennas de brilhantes côres. Devêra ser de uma moça da moda em sua tribu, que foi morta em guerra.

Mas aqui devo observar que os *Mundurucús* fazem frequentes guerras a outros gentios seus inimigos, com o fim precisamente de aprisionar mulheres moças e crianças, e não de matal-as. Matam sim os homens, cujas cabeças conservam como trophéos. Quando se preparam para estas correrias dizem francamente: « *Eu vou porque preciso de uma mulher para me casar, ou preciso de um pequeno para filho de minha mulher.* »

Qualquer guerreiro *Mundurucú* devia, pois, ter o maior empenho de aprisionar, e não de matar uma rapariga como aquella, cuja cabeça me era offerecida.

Com effeito disse-me o barbaro que só por engano a matára no ardor do combate, que lhe não permittira distinguir o sexo. Ella sahia correndo da cabana, que elle e seus companheiros haviam sorprendido pela madrugada, e elle lançára-se atraz d'ella e a atravessára pelas costas com a sua formidavel taquára. Quando a reconheceu mulher e moça teve pezar. Comtudo cortou-lhe a cabeça, extrahiu-lhe o cerebro, expôl-a á fumaça de lenha verde até mumifical-a.

E' singular, porém, a extrema ternura com que o barbaro tratava a cabeça de sua inimiga. Entre as tribus *Mundurucú* e *Parintintin* reina desde longos annos odio de morte, e fazem-se guerras de exterminio.

Mas este *Mundurucú* estava como louco pela cabeça *Parintintin*. Não a deixava um só momento. Quando chegou a occasião de eu retirar-me de Necodemos, como adiante direi, elle, bem como doze outros indios, acompanhou-me durante oito dias de viagem, através das matas, até as cabeceiras do Caderery. Durante este trajecto, quando se approximava a noite e tinhamos de pousar, o indio fincava em terra, junto á sua rêde, uma haste que trazia expres-

samente para isto, e sobre ella suspendia a cabeça, como em um cabide, cobrindo-a cuidadosamente com uma toalha que eu lhe havia dado.

Ao amanhecer, seu primeiro olhar era para ella: punha-a sobre o collo, penteava-lhe com os dedos os longos cabellos e acariciava-a, como se fosse uma filha querida.

Só me fez entrega d'esta reliquia no ultimo momento, quando eu já estava embarcado para descer o Caderery, e n'esta occasião disse ainda: « *Mas eu a queria para mim!* » Tambem eu lhe tinha feito presente de uma espingarda de dois canos, de polvora, chumbo e outros objectos. Assim mesmo nos acompanhou com a vista até a canôa desapparecer pelo rio abaixo.

Em Necodemos havia ainda outra cabeça mumificada. Fôra de um guerreiro *Parintintin*. O *Mundurucú* que a possuia, já bastante idoso, não quiz mostrar-m'a nem conversava sobre ella. Tambem eu não insisti. Alguns traziam collares de dentes de inimigos mortos por elles.

Vi meninos que o meu interprete me disse serem prisioneiros da ultima guerra. Os da aldêa não tocaram sequer n'este assumpto; receiavam talvez que lhes quizessemos tomar os seus prisioneiros.

## V

Genesis *Mundurucú*.—Crenças e tradições.—Apparição de « Caru-Sacaebê. »—Ingratidão dos habitantes de Acupary.—Castigo.—Necodemos berço do genero humano.

Pareceu-me vêr n'este povo singular, traços de uma civilisação antiga. Os *Mundurucús* vivem em republica fortemente organisada; de longa data movem guerra a seus inimigos, quando bem lhes parece; fulminam sentenças de

morte contra os feiticeiros; têm uma genesis propria, e possuem crenças e tradições que vão passando de geração em geração.

Não será este povo, pensava eu, oriundo dos *Quichuas* ou dos *Aymaras*, que, descendo dos Andes, se fixaram sobre estas vertentes? Por isto investiguei com a mais detida attenção as tradições, interrogando repetidas vezes os mais antigos da *maloca*, para que me dissessem, se seus avós não vieram de terras longinquas e elevadas, que demoram do lado onde o sol se esconde todas as noites? Mas elles me respondiam invariavelmente que não; que os primeiros homens que appareceram sobre a terra fundaram a *maloca* de Acupary. Caru-Sacaebê appareceu entre elles e lhes ensinou a caçar: até então só havia caça inferior; Caru-Sacaebê fez apparecer caça maior.

Não teve pai nem mãi; teve um filho de nome Carutaú e um companheiro de nome Rayrú, que o reconhecia por mestre.

Um dia Caru-Sacaebê foi infeliz na caça. Voltou á Acupary, e mandou seu filho Carutaú que fosse pedir alguma ave, inambú ou perdiz, aos caçadores, que as tinham morto em abundancia.

Os caçadores, porém, recusaram, e por escarneo atiraram a Carutaú as pennas das aves, dizendo: « *Teu pai tambem é bom caçador.* »

Tres vezes Caru-Sacaebê repetiu o pedido; tres vezes os caçadores recusaram.

Então Caru-Sacaebê colheu as pennas que elles haviam atirado por escarneo a Carutaú, e fincou-as uma por uma em torno da *maloca*. E subito, com um gesto, converteu em porcos bravios todos os habitantes de Acupary, homens e mulheres, velhos, moços e crianças.

Estes animaes vorazes iam esbravejando extramalhar-se

e dispersar-se, quando Caru-Sacaebê, com outro gesto, transformou as pennas em elevados morros.

Junto da actual *maloca* de Acupary existe com effeito uma vasta caverna. Dizem os *Mundurucús* que ainda hoje ouvem-se ahi grunhidos de porcos selvagens e accentos de agonia.

Outros affirmam que á entrada da caverna encontram-se ornatos de mulheres, como braceletes feitos de ouriço de castanha, e outros vestigios da tremenda catastrophe. Os *Mundurucús* não ousam penetrar na caverna de Acupary.

Então Caru-Sacaebê retirou-se acompanhado de Rayrú, unico que sobreviveu ao desastre de Acupary.

Chegando ao lugar, onde está Necodemos, bateu com o pé a terra, e de uma larga fenda que se abriu tirou um casal de *Mundurucús*, um de casal brancos, um de indios e um de pretos.

O casal de *Mundurucús* Caru-Sacaebê pintou pela mesma fórma por que elle proprio estava pintado, e foi o principio da *maloca* de Necodemos e o tronco da tribu, que se tornou numerosa e pujante, a ponto de fazer estremecer a terra quando marchava para a guerra.

Os brancos, os indios e os pretos, dispersaram-se e foram povoar outras terras.

Em Necodemos Caru-Sacaebê preparou um campo, semeou-o, e quando cahiram as primeiras chuvas brotou a mandioca, o milho, a batata, o cará, o algodão, e outras plantas alimenticias e medicinaes.

Ensinou a construir fornos e a preparar a farinha.

Fez uma pequena estatua de madeira, animou-a e chamou-a Hanhu-Acauâte, que foi seu segundo filho.

Para servir de mãi á Hanhu-Acauâte, Caru-Sacaebê adoptou por companheira uma donzella da tribu, chamada Chicridhá.

A' noite seus filhos eram-lhe formidaveis guardas, que velavam sem cessar pelos seus dias. As proprias onças se afastavam medrosas.

Um dia Iracheru dirigiu-se a Necodemos e contou estas maravilhas.

Iracheru bem sabia, que, si os guerreiros de Necodemos não revogassem a sentença de morte, ella só morreria : seus filhos punham-se facilmente fóra do alcance dos algozes.

Si porém a revogassem, a tribu *Mundurucú* seria a senhora dos campos e das florestas ; seria vencedora de todas as outras tribus ; dominaria sem rivaes.

Mas os filhos de Iracheru foram recebidos com geral applauso; a tribu inteira os reconheceu como proprios filhos.

O *Mundurucú* com effeito trata o cão verdadeiramente como filho ; as mulheres os amamentam, quando recem-nascidos, em seus proprios seios, e lhes dão agazalho em suas « hamacas, » ao lado dos proprios filhos, como si foram nascidos do mesmo ventre.

Quando morre um cão é largamente pranteado e seu corpo cuidadosamente dado á sepultura, pois teriam por impiedade abandonal-o á voracidade dos corvos.

## VII

Fama antiga dos *Mundurucús*.—Recordações historicas.

O caudaloso Tapajoz, em cujo valle estão situadas as aldêas dos *Mundurucús*, ha apenas 130 annos, foi descoberto, pois sómente em 1748 desceu por elle de Mato Grosso até o Pará o mineiro João de Sousa de Azevedo, trazendo sessenta e quatro oitavas de ouro, extrahido d affluente, que denominou *Rio das Tres Barras*.

Em 1817 Ayres de Cazal, dividindo em sua *Corographia Brasilica* a provincia do Pará em quatro grandes comarcas, naturalmente limitadas pelos quatro grandes affluentes do Amazonas, o Tocantins, o Xingú, o Tapajoz e o Madeira, deu o nome de Mundurucania, naturalmente porque era ahi preponderante a tribu *Mundurucú*, áquella que foi comprehendida entre o Tapajoz, pelo lado do nascente, o Madeira pelo lado do poente, ao norte pelo Amazonas e ao sul pelo Juruena. Descrevendo a Mundurucania, diz aquelle autor, que, á excepção de alguns pedaços sobre as margens dos rios que a limitam, todo o mais estava dominado por varias nações selvagens, das quaes as mais conhecidas eram os *Jumas*, os *Maués*, os *Pamas*, os *Parintintins*, os *Muras*, os *Andirás*, os *Aráras*, e os *Mundurucús*, que dão o nome ao paiz.

« Os *Mundurucús*, diz ainda Ayres de Cazal, que costumam tingir o corpo de negro com genipapo, são numerosos, apessoados, guerreiros e timidos de todas as outras nações que lhe dão o appellido de *Pai quicé*, que significa *Corta-cabeça*, porque custumam cortal-a a todo inimigo que lhes cahe em poder, e sabem embalsamal-as, de sorte que se conservam largos annos com o mesmo aspecto do momento em que foram cortadas.

« Ornam as suas toscas e mesquinhas cabanas com esses horrendos trophéus. Aquelle que mostra dez está habilitado para poder ser eleito chefe da horda. Conhecem a virtude de varios vegetaes, com cujo uso curam algumas molestias perigosas.

« Quasi todas as hordas *Mundurucús* estão hoje nossas alliadas e algumas já christãs.

« A deshumanidade dos que ainda vaguêam pelos mttos, porquanto não dão quartel á sexo nem á idade, tem obrigado grande parte das outras nações a refugiarem-se junto

das povoações dos christãos, onde, á sua sombra e de paz, vivem seguros d'aquelles desalmados inimigos.

« Os valorosos *Mundurucús* são periécos dos *Macassares*, das ilhas Celebes, que passam pelos mais esforçados d'entre os povos do grande archipelago oriental. »

## VIII

Situação actual das aldêas centraes das campinas. — Desapparecimento das hordas do vale Tapajoz.

Pois toda essa grande população selvagem, que, segundo refere Ayres de Casal, ainda a sessenta annos vagava pelo territorio da Mundurucania, não apparece mais por essas regiões.

Vêem-se no baixo Tapajoz os indios baptisados, oriundos dos antigos selvagens; e no alto Tapajoz apenas se encontra a *malóca Maués*, denominada do Acará, e outra *maloca* de *Apiacás*, que mantêm relações de mesquinho commercio com os raros sertanejos, que por alli penetram. Alèm d'estas duas *malocas* apparecem tambem de quando em quando, ás margens do Tapajoz ou de seus affluentes, levas de *Parintintins*; mas não se fixam em parte alguma, porque os *Mundurucús* lhes movem perseguição implacavel e sem treguas.

Note-se, que os *Maués* e os *Apiacás* tambem já foram em outros tempos muito perseguidos e batidos pelos *Mundurucús*, que só os deixaram em paz depois que estabeleceram relações com os christãos. Os *Maués* já não pintam o rosto; os *Apiacás* têm apenas um traço negro-azul, que, partindo do angulo exterior de cada olho e descendo até a barba, muito se parece com o sulco de lagrima.

Convem tambem notar, que as aldêas centraes dos *Mundurucús*, designadas no alto Tapajoz pela denominação de *Maloca das Campinas*, não estão situadas no territorio a que Ayres de Cazal deu o nome de Mundurucania. Estão no territorio, que este geographo chamou Tapajonia, entre o Tapajoz e o Xingú, e proximas ás fontes dos affluentes orientaes do Tapajoz, de nomes rios das Tropas (que os *Mundurucús* chamam Pitunzi), do Crepuri, Cadereri, Cabetutum e Cururú.

Eu encontrei em minha excursão grande numero de riachos, fontes do Cadereri, affluentes do Tapajoz.

Si caminhasse alguns dias mais no mesmo rumo quo levava, além de Necodemos, encontraria certamente as fontes dos tributarios do Xingú.

## IX

Guerra dos *Mundurucús*.—Modo de as fazer.—Fim d'estas guerras.

Já dissemos, que as guerras d'estes barbaros não têm outro fim senão fazer captivas mulheres moças e crianças de ambos os sexos. Os captivos porém são tratados na tribu sem differença dos *Mundurucús* natos. São pintados com os mesmos arabescos de côres indeleveis ; a mulher encontra logo marido, e o menor encontra pai adoptivo, que quasi sempre é o proprio indio, que o aprisionou. Quando se fazem os preparativos para estas excursões, a irman, mãi ou qualquer parente do guerreiro lhe faz encommenda de uma criança, dizendo : « *Traze me um menino para meu filho.* »

As principaes victimas dos *Mundurucús* são os *Parintintins*, porque, além do interesse de fazer captivos, o odio

mortal, que existe de longa data entre estas duas tribus, tambem serve de movel para frequentes ataques.

Tanto que consta, que uma leva de *Parintintins* apparece em alguma parte, immediatamente os *Mundurucús* marcham-lhes ao encalço. Para com as outras tribus porém não me consta, que haja este odio inveterado. Entre os *Mundurucús* corre o boato, provavelmente inexacto, de que, quando um d'elles cae prisioneiro dos *Parintintins*, estes o devoram vivo, ás dentadas, « *como si foram onças e nós veados,* » dizem elles.

Inexacto ou não, este conto contribue para acender ainda mais o desejo de vingança.

Isto, a que temos chamado guerras, em geral são simples correrias.

Quando chega o verão um certo numero de *Mundurucús* combinam entre si, preparam seus arcos, flechas, buzinas, provisões, e põem-se em marcha.

Sempre que é possivel, cada guerreiro é acompanhado pela mulher ou por uma irman. O officio d'esta vivandeira que ás vezes não tem mais de quinze a dezeseis annos, consiste em armar a rêde do guerreiro nos ramos das arvores, preparar para elle a castanha, transportar qualquer carga, ajudar a preparar a cabeça do inimigo e a trazer os captivos; emfim ella encarrega-se de tudo quanto é necessario, afim de deixal-o inteiramente desembaraçado para o ataque.

Assim vão caçando tranquillamente, de sorte que n'estas correrias, consomem muitas semanas e mesmo mezes. A' noite reunem-se para pousar.

Si encontram algum trilho na espessura do mato, ou outro qualquer vestigio que indique a passagem de um ser humano, elles o estudam com tino e cautella admiravel. Si apercebem uma cabana ou uma aldêa, fazem o reconheci-

mento no maior silencio possivel; e marcham com tal destreza, que não se ouve nem o ruido da folha sêcca que esmagam debaixo dos pés. Parece, que andam sobre espesso tapete. Cercam a cabana e esperam em silencio a madrugada. Então, com longa haste, cuja extremidade está impregnada de breu inflammado, lançam-lhe fogo e postam-se de emboscada á porta.

Despertando em sobresalto, os sitiados soltam logo este grito terrivel: *Mundurucús!*

Os homens, que, perturbados, pretendem romper o cerco são logo traspassados por tremendos chuços.

As crianças, conhecendo que estão sob a taquara inimiga, rendem-se ao captiveiro.

As mulheres quasi sempre resistem, lutam e só são feitas prisioneiras á viva força.

E então os *Mundurucús* se põem em retirada á marcha dobrada. As cabeças inimigas são cortadas e preparadas ás pressas. Quando sentem ou receiam, que são perseguidos, caminham dia e noite. A' noite guiam-se com archotes feitos de fragmentos de uma madeira rezinosa, a que chamam *ouichique-taque*, e que os indios do baixo Tapajoz conhecem pela denominação de *páo-candêa*. Esta madeira, estando sêcca, inflamma-se facilmente, dando labaredas, quando o indio corre com ella na mão.

Quasi sempre estas excursões são tão longas, que as provisões se acabam, e por fim os indios sustentam-se de castanhas em falta de farinha e de batatas. Soffrem longas privações; alguns voltam magros.

Affirma-se, que todos os annos os *Mundurucús* fazem d'estas correrias e sempre trazem captivos.

Uma india muito idosa, provavelmente oriunda da interessante tribu dos *Tapajoz*, que deu nome ao rio, hoje extincta, referiu-me, que em sua mocidade mais de uma vez

os *Mundurucús* desciam pelas margens do alto e baixo Tapajoz, batendo cruelmente as muitas *malocas*, que então existiam, cortando cabeças dos inimigos e causando immenso terror por toda esta extensa região.

A tradição bem averiguada tambem registra o caso de terem estes barbaros chegado até á foz do Tapajoz, e posto em sitio a fortaleza,que os Portuguezes fundaram no aldeamento christão dos indios *Tapajoz*, hoje florescente cidade de Santarem.

## X

Noticias de algumas tribus indigenas a quem os *Mundurucús* fazem guerra e que andam errantes pelo vale do alto Xingú e para as fronteiras de Matto-Grosso.

Dizem os *Mundurucús*, que ainda encontram muitas hordas gentilicas nas extensas regiões que percorrem, e que para o lado do nascente corre um rio largo, caudaloso, encaxoeirado, a que chamam Caruntunzi, cujas margens são povoadas de muito gentio.

Deve ser o alto Xingú, que é realmente um dos maiores affluentes do Amazonas e um d'aquelles que mais proximos se acham da capital do Pará. Seu curso superior é entretanto ainda inteiramente desconhecido.

Em 1842 o principe real da Prussia, Adalberto, acompanhado do conde de Oriolo e do conde de Bismarck, seguiu de Belém do Pará em canôa, percorreu o curso inferior do Xingú até ás primeiras caxoeiras, e as *malocas* dos indios *Jurunas*. Foram estes cavalheiros, creio eu, que deram o primeiro esboço para o traço do baixo Xingú.

Entretanto o curso superior é até hoje desconhecido.

Os *Mundurucús* têm muitas vezes passado do vale d

Alto-Tapajoz para o do Alto-Xingú, pois residem quasi junto á linha de divisão d'estes dois valles. Elles dão noticias dos gentios que encontram n'estas excursões, não sómente pelas margens do Alto-Xingú, mas tambem pelo lado das fronteiras do Matto-Grosso.

Os principaes são os seguintes :

*Puparurâtes.*—Têm por distinctivo um traço escuro que desce do angulo exterior de cada olho até a barba, parecendo sulco de lagrimas. Ha cerca de tres annos appareceram á margem do Baixo-Tocantins, perto das cachoeiras, cerca de quinhentos selvagens, exactamente com este distinctivo; foram depois dizimados pelas bexigas ; os que sobreviveram ainda ahi permanecem.

*Biche-Iramerán.*—Só têm o beiço inferior pintado de negro.

*Ipitiuâte.*—Não são pintados, raspam a cabeça em roda, são corpolentos, barbados, bravos, temidos dos proprios *Mundurucús* ; não usam de redes, dormem em esteiras, e servem-se de formidaveis tacapes.

*Pararaoâte.*—Possuem canôas, são pintados pelas fontes em fórma de caracóes.

*Uiraraoâte.*— Que os *Mundurucús* chamam nação de onças, porque, dizem, urram como este animal.

*Peren-an-an.*

*Parinrinrin.*

*Titidhuâte.*

*Jurupuá.*—Corpolentos e ferozes.

*Tupaiunas.*—Pintam-se de negro.

*Paribitat.*— Habitam campos na direcção de Cuyabá.

*Paribitêtê.*—Habitantes das cabeceiras do rio D. Manoel, affluente do Tapajoz.

Em outros tempos batiam tambem os *Bacahiris*, a que

chamam *Mureufuâtes*, e os obrigaram a sahirem para Matto-Grosso onde foram aldêados.

Batiam os *Apiacás*, e só os deixaram depois que estes gentios fixaram-se no Juruena, ao pé do Salto-Augusto. Ainda hoje aquelles têm muito medo dos *Mundurucús*; e quando estes vão para suas guerras e passam pelas *malocas Apiacás*, estes lhes fornecem farinha e outras provisões.

*Itiuâtes.*—Já se têm retirado para o lado de Cuyabá. São barbados.

*Tuparurûtes.*—Estão do lado do Xingú.

*Ñhauanhen.*—Horda pertencente á tribu *Parintintin*, e que habitam as cachoeiras do Jauanxin, affluente do Tapajoz.

Os *Mundurucús* de Necodemos conhecem Cuyabá; mas dizem que para este lado erram muitas hordas de gentios ferozes.

Encontram ainda em suas excursões levas de outros selvagens, cujos nomes não sabem.

E' de suppor que parte das populações indigenas, que têm desapparecido das margens do Tapajoz e do Tocantins ande agora errante pelo valle do Alto-Xingú.

Talvez fosse de interesse scientifico estudar o movimento d'estas populações selvagens e desconhecidas.

## XI

Apparece nas *malocas* um *Mundurucú* elegantemente vestido, que diz ter sido baptizado no Rio de Janeiro.

Era natural que eu convidasse os *Mundurucús* a virem partilhar comnosco das vantagens da vida social, e sobre-

tudo a mandarem seus filhos para serem convenientemente educados, e depois voltarem ás *malocas* sabendo construir casas, arcos, fornos, e outros objectos que lhes seriam de grande utilidade.

Procurava por todos os meios convencêl-os de que entre nós encontrariam amigos dedicados, quando me responderam que Teiú Burubê lhes havia dito que S. M. o Imperador era amigo dos *Mundurucús*.

Teiú Burubê era um *Mundurucú* que desapparecêra das aldêas ha muitos annos, e após longa ausencia regressára. Apresentou-se na *maloca* de Cabroá elegantemente vestido á nossa moda. Os parentes o receberam com extrema satisfação.

Então contou que se baptizára no Rio de Janeiro, que se ficára chamando Martinho de Alcantara, e que S. M. o Imperador lhe servira de padrinho e de protector. Encontrou na *maloca* de Cabroá parentes, e particularmente uma irmã, que o tratou com extrema dedicação. Quando deixou a aldêa natal, ainda muito moço, fôra acompanhado por um irmão, e ambos desceram pelo rio Canumá.

Este *Mundurucú* descrevia com vivas côres as vantagens da vida civilisada, sem comtudo mover os seus parentes a abandonarem a vida selvagem.

Por fim estranhou a mudança de regimen e cahiu doente de violentas febres.

Dizendo-se na *maloca* que estava enfeitiçado por causa dos elegantes vestidos que possuia, a irmã, indignada, reuniu-os no terreiro e lançou-lhes fogo.

Convalescendo, ainda em maiores privações se achou, pois estava nú.

Por fim falleceu; a irmã, que o não abandonára um só momento, enterrou-o embaixo de sua propria rêde.

## XII

### População das *malocas* centraes dos *Mundurucús*.

E' mui difficil, ou antes impossivel, dar um recenseamento exacto d'esses indios, que têm suas *malocas* situadas em brenhas inaccessiveis.

Accresce que, durante o verão, grande numero de familias deixam as *malocas* e vão construir ligeiras cabanas no meio das florestas, onde, assim isoladas, encontram mais abundante caça.

E' certo, porém, que essa tribu é uma das mais possantes e numerosas do valle do Amazonas. Alcide d'Orbigny hesitou se a devia considerar uma simples tribu ou uma nação. De longa data ella fórma uma republica fortemente organisada. As *malocas* centraes, situadas fóra do alcance da acção de nossas autoridades, gozam de liberdade sem limites, como se foram um Estado independente.

Na impossibilidade de proceder por mim mesmo a um recenseamento rigoroso, tenho de louvar-me na opinião de um cidadão residente na villa de Itaituba, que eu julgo muito competente n'esta materia. Refiro-me ao Sr. tenente Joaquim Caetano Corrêa, abastado commerciante, que, por nomeação feita pelo conselheiro Sebastião do Rego Barros, presidente do Pará, em Setembro de 1853, exerce desde esse tempo o lugar de director dos indios do rio Tapajoz.

Posto que este prestante cidadão nunca tenha ido ás aldêas centraes, comtudo entretem estreitas relações com os *Mundurucús* das margens d'esse rio.

Eis-aqui o quadro da população, que me foi ministrado pelo Sr. tenente Joaquim Caetano Corrêa.

| *Nomes das malocas.* | *População.* |
|---|---|
| Dauapone | 1.500 |
| Carucupy | 2.300 |
| Dairy | 2.600 |
| Capipique | 2.000 |
| Necodemos | 2.100 |
| Aiká (Samuuma) | 1.500 |
| Acupary | 800 |
| Areucrê | 700 |
| Arebadury | 400 |
| Teiu Curupy | 500 |
| Ipsananty | 600 |
| Cererepçá | 500 |
| Cabroá | 500 |
| Imburariry | 350 |
| Macapá | 360 |
| Ucubery | 250 |
| Cabetutum | 350 |
| Chacorão | 700 |
| Airy | 300 |
| Bacabal (Missão) | 500 |
| Boburé | 100 |
| | 18.910 |

Talvez que este calculo seja um tanto exagerado, ou pelo menos a população d'estas *malocas* tenha soffrido sensiveis modificações. A aldêa de Chacorão, por exemplo, está actualmente abandonada; a de Boburé quasi extincta. Se é certo que a população *Mundurucú*, propriamente selva-

gem, não attinge actualmente a cifra de 18.000 almas, por outro lado estou convicto que as antigas povoações d'essa tribu, fixadas em outro tempo nas margens do Alto e Baixo-Tapajoz, excediam muito por si sós d'este algarismo. Estas ultimas populações de que acabo de tratar fixaram-se nas antigas missões, ou fundiram-se pouco a pouco com a população christã, de tal sorte que seus descendentes não comprehendem hoje sequer o dialecto da tribu.

## XIII

*Maloca* de Nicodemos.—Disposição das *malocas* dos *Mundurucús*.

Necodemos está situada sobre uma collina, no meio de uma vasta campina, pouco distante das matas.

No centro da *maloca* está o *ekçá* ou o quartel dos guerreiros.

O *ekçá* consiste em uma longa casa, de cerca de cem metros de comprimento, coberta de palha, e em toda sua extensão aberta para o nascente. N'esta situação está perfeitamente ventilada, e isenta da invasão dos carapanás e de outros mosquitos insupportaveis, que constituem o supplicio dos que vivem no meio das matas ou á margem dos rios. Os raios do sol ao nascer penetram livremente e debellam o frio da madrugada, que ahi é muito intenso. No *ekçá* moram somente os homens validos, os guerreiros e seus filhos maiores de oito annos.

Cada guerreiro arma no *ekçá* sua rede no lugar que bem lhe parece.

No terreiro, tambem para o nascente estão tres linhas de esteios unidos por travessas, onde os guerreiros armam suas redes nas bellas noites de verão.

Suspenso ao tecto do *ekçá*, sobre a rede tem o guerreiro á mão tudo quanto possue—arcos, flechas, tacápe e buzina.

Todos dormem em redes tecidas de fios de algodão e tão pequenas que é preciso estar immovel para não cahir no chão.

O algodão é plantado pela india ; o fio e a rede por ella fabricados.

No *ekçá*, por entre as redes dos guerreiros, ardem muitas fogueiras durante a noite.

Em torno do *ekçá* estão as casas das mulheres, onde tambem habitam as crianças de ambos os sexos, os velhos decrepitos e os doentes.

Em Necodemos estas casas são em numero de cinco, bastante vastas, construidas com mais cuidado, mais altas, fechadas por todos os lados, tendo por entrada uma abertura apenas, e ás vezes duas. Não tem divisão alguma interior: é toda commum ; mas cada mãi de familia, com suas crianças, seus velhos decrepitos e seus doentes, tomam conta de um lado da casa, e ahi armam suas redes. Junto d'ellas estão seus utensilios, a saber : balaios, teares, paneiros, etc. No meio da casa estão um ou dois fornos de fabricar farinha : não são mais do que toscas pedras, mais ou menos planas, collocadas sobre outras pedras. Por baixo do forno arde a fogueira. Nas casas das mulheres os guerreiros podem entrar quando lhes parece ; mas as mulheres nunca penetram no *ekçá*. N'essas casas das mulheres elles guardam os objectos mais preciosos, taes como ornatos de pennas, collares de dentes humanos, cabeças inimigas, etc.

Todas as vezes que tive occasião de entrar n'estas casas encontrei sempre as mulheres trabalhando ; umas teciam a rede, outras fabricavam farinha, outras moqueavam caças, outras coziam, outras preparavam mingáu de bananas, etc.

Nunca ahi fui que não me offerecessem alguma cousa para comer : ora batata cosida, ora mingáu de bananas.

Uma india risonha e alegre, com o rosto todo pintado de urucú além de suas pinturas do costume, offereceu-me uma enorme lagarta que trazia sobre o dedo. Era uma lagarta repugnante, que se contrahia e alongava convulsivamente; e a india queria por força passal-a para minha mão, dizendo-me que era para comer: «*Cobi-cobi.*»

## XIV

Caracteres symbolicos traçados na barranca de Cantagallo, á margem do Alto-Tapajoz, e nos morros de Areu-crê entre Acupary e Necodemos.

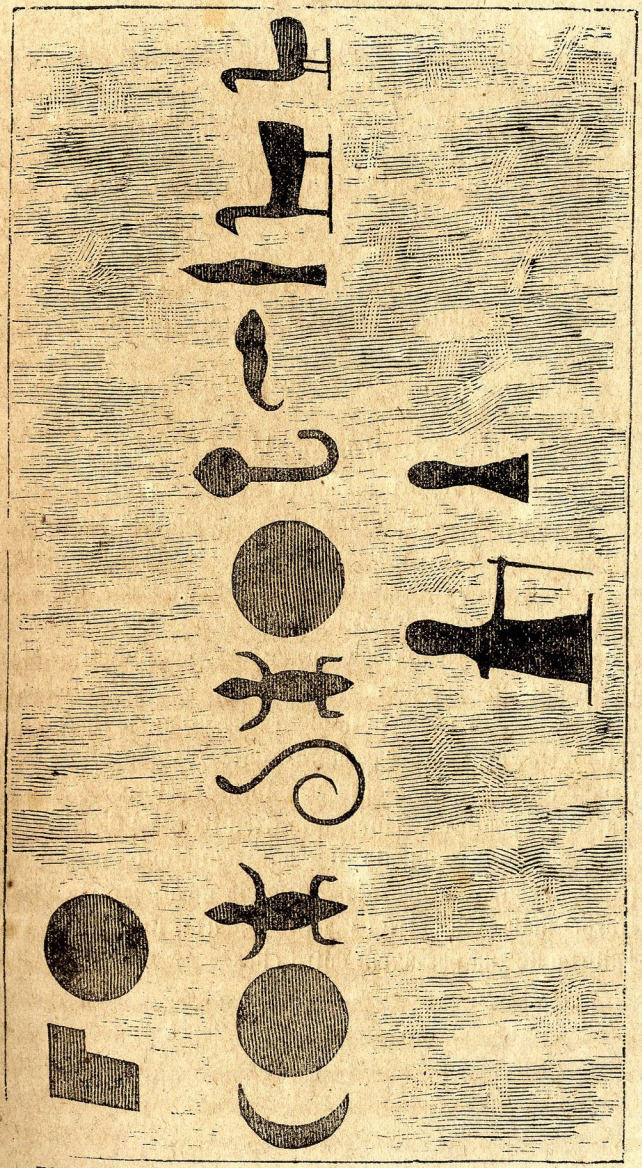
A' margem esquerda do Alto-Tapajoz no lugar conhecido pela denominação de Cantagallo, vêm-se desenhadas sobre a superficie de um morro, de cerca de cem metros de altura cortado a prumo pelo rio, quinze figuras.

Ellas ahi estão de tempo immemorial: os mais antigos sertanejos, que têm penetrado pelo Alto-Tapajoz, e os mais idosos *Mundurucús*, já as encontraram taes quaes estão, mas não lhes conhecem a significação.

São de côr vermelha-escura, como de ocre, e estão cerca de oito metros acima do nivel maximo das aguas no tempo das cheias do inverno.

Hoje seria impossivel a um homem traçal-as n'aquella altura, ainda mesmo com o auxilio de andaimes, pois á base do morro o rio fórma uma especie de enseada, onde a corrente é violenta, sobretudo na época em que o nivel do rio chega á sua maior elevação.

Não farei conjectura alguma sobre a origem nem sobre a significação d'estes caracteres. Apenas lembrarei que Humboldt encontrou tambem, ás margens do Orenoco, nas



mesmas circumstancias e em altura inaccessivel á mão do homem, caracteres d'este genero.

Este illustre sabio é de opinião, se bem me recordo, que o nivel das aguas do Orenoco em épocas anteriores, muito remotas, elevou-se a altura muito maior do que actualmente.

Penso que se poderá fazer applicação aos caracteres do Alto-Tapajoz das mesmas deducções estabelecidas pelo illustre sabio allemão em relação aos que encontrou no Orenoco.

Eu tirei o esboço no Alto-Tapajoz d'esses caracteres, não sei se symbolicos.

Mostrando-os aos *Mundurucús* de Necodemos e de Samuuma (Aiká) todos elles me disseram que tambem nos morros de Areucrê, no meio dos campos que se estendem entre Acupary e Necodemos, existem caracteres d'este genero, mais numerosos. Eu não tive occasião de os vêr.

A tradição *mundurucú* refere que Caru-Sacaebê, depois de ter destruido a *maloca* de Acupary, para punir a ingratidão de seus habitantes, viéra fundar a de Necodemos, que se tornára por este modo o berço do genero humano. Então traçou estes caracteres entre as duas aldêas para deixar um monumento que relembrasse este facto memoravel, diz a tradição. Depois que Caru-Sacaebê deixou Necodemos forte e opulenta, desceu, seguindo o curso do Tapajoz, á cuja margem deixou ainda novos caracteres para trazer mais viva entre os *Mundurucús* a memoria de seus feitos e de sua passagem entre elles.

## XV

Os *Mundurucús* fulminam pena de morte contra os feiticeiros. — Alguns casos mais recentes da applicação d'esta pena.

Ainda nos principios do seculo actual a legislação portugueza applicava o supplicio de fogueira nas praças publicas contra os infelizes que a credulidade e superstição da época accusavam de feiticeiros. Muitos outros povos, senão todos, tem dado á historia o triste espectaculo d'esta aberração da razão humana.

Os *Mundurucús* são muito aferrados a este erro fatal: o feiticeiro entre elles é irrevogavelmente punido de morte, mas é este o unico caso a que applicam esta pena.

O missionario do Bacabal, Fr. Pelino de Castrovalvas, no *Relatorio* que apresentou á presidencia do Pará, a 14 de Agosto de 1876 refere o caso de que tratam os tópicos seguintes:

« Primeiro que tudo V. Ex. deve saber que um dos meus maiores empenhos, nos cinco annos do apostolado n'esta missão, tem sido apagar na cabeça dos indios inveteradas superstições, especialmente aquellas que mais directamente se oppunham á religião e ao bemestar da sociedade.

« Ora, uma das maiores superstições com que tenho tido de lutar tem sido a do feitiço.

« O que não tenho dito, o que não tenho feito para arrancar dos corações d'elles tão perniciosa superstição? E quantas mortes não têm elles feito com estes erroneos principios antes da fundação da missão? Comtudo, quando já pensava tel-os persuadido a detestar tão abominavel vicio,

eis que um dia, que lhes falta o missionario, reproduzem os mesmos factos.

« V. Ex. está sciente de que no anno passado eu desci a esta capital para tratar de alguns negocios da missão. Ora bem, n'esse tempo, que eu faltei adoeceram e morreram n'essa missão varias pessoas.

« Eis uns indios a gritar : « E' feitiço,é feitiço ! »

« E' preciso matar os feiticeiros. Elle nos querem matar a todos : é preciso matal-os ! Designaram quatro moços da missão para serem immolados como feiticeiros. Encontraram um chamado Ismael ; os outros, avisados a tempo, evadiram-se, e depois do meu regresso voltaram á missão.

« O rapaz foi morto com dois tiros de espingarda, acabando-o com pancadas na cabeça.

« Foram executores Silvano da Silva e outro rapaz (hoje defunto).

« Foi mandante o capitão José da Gama, que pela volta do meio-dia, do dia em que elle mandou matar o Ismael (o qual se achava da parte opposta á missão, além do rio, no meio do matto), vendo que os seus enviados, que mandára de manhã, não voltavam, impaciente disse : *Esta gente não presta para matar gente, vou eu !* Mas, quando elle chegou achou a victima, que já estava sacrificada. Satisfeitos, voltaram, deixando o cadaver aos Urubús, sem lhe darem enterro.»

Este capitão José da Gama de quem falla o padre missionario, foi cacique de um antigo aldêamento que existia á margem do Tapajoz, e veiu com toda sua gente para a Missão do Bacabal. Seu nome indigena é Mari-Baxi ; o padre missionario o deixava sempre governando a missão, quando tinha de retirar-se por algum tempo. E' um indio energico e resoluto, e já antes da fundação da missão havia immolado varios de seus companheiros accusados de feiti-

ceiros, um dos quaes foi seu proprio irmão, que elle lançou no meio das cachoeiras com uma pedra ao pescoço.

Se Mari-Baxi, ou José da Gama, ainda commette actos d'estes em uma missão que está sob a vigilancia do governo, faça-se idéa do que não farão os outros caciques das aldêas centraes. Este facto deu-se em 1875, quando eu me achava além da Missão do Bacabal, visitando as aldêas das campinas; quando regressei, demorei-me dois dias n'aquella missão, de cuja direcção se achava então encarregado o mesmo José da Gama, durante a ausencia do missionario, que havia seguido para a capital.

Aquelle cacique me recebeu com muitas provas de attenção e de amizade, mas nada absolutamente me disse sobre o crime que acabava de commetter. Elle, assim como os outros seus cumplices, guardaram o mais inviolavel segredo sobre este assumpto. O proprio missionario que ahi chegou após alguns dias da minha passagem pela missão veiu a ter conhecimento d'estes factos muito depois.

Por essa mesma época occorreu tambem em uma das aldêas das campinas o seguinte facto. Varias indias foram banhar-se em um regato proximo da aldêa; ao regressarem cada uma d'ellas trazia á cabeça uma cabaça de agua para sua casa. Quando menos esperavam sahem-lhes ao encontro quatro *Mundurucús*, e lançando mão de uma d'essas pobres raparigas, de cerca de dezoito annos de idade, a traspassam com suas formidaveis taquaras. As companheiras pararam um momento e lançaram involuntariamente a vista para este lugubre espectaculo; mas os algozes lhes disseram: « *Sigam seu caminho, é uma feiticeira.* »

O cadaver da moça india ahi ficou no caminho durante todo este dia. No seguinte lançaram-n'o sobre uma fogueira e o reduziram a cinzas.

Outro caso: — á margem do Tapajoz, em casa de um

sertanejo existe uma india *Mundurucú*, toda pintada, de seus vinte annos idade: é pagã, mas tem o nome christão de Sebastiana; já falla um pouco o portuguez e é muito expansiva. Ella conta que sua familia residia na aldêa de Curucupi. Grassando alli febres de máo caracter, algumas pessoas succumbiram.

Succedeu que sua mãi encarregou-se do tratamento de alguns d'esses doentes.

Um dia, chegando a velha india do seu trabalho do campo, uma pessoa de sua intima amizade disse-lhe em segredo: « *Olha que o teu doente morreu; dizem já que és feiticeira.* » Sem perda de tempo a india toma uma resolução, de accordo com seu marido. Abandonam a aldêa de noite mesmo, levando comsigo duas filhas e um filho, todos tres ainda de menor idade. Com effeito, durante toda noite e durante o dia seguinte, emquanto fugiam, ouviram o latir dos cães dos algozes que lhes vinham no encalço.

Esta pobre familia, após varios dias de bom caminhar pelos matos, sahiu emfim, ás margens do Tapajoz, e nunca mais voltou a Curucupi, nem á outra qualquer *maloca*.

Diz Sebastiana que o principal motor do motim, que ia dando em resultado a morte de sua mãi, acha-se actualmente na Missão do Bacabal.

Esta mesma india referiu-me outro caso não menos triste, que succedeu por occasião das mesmas febres. Poucos dias antes da fuga de sua familia, havia ella e algumas de suas companheiras chegado a Acupary, vindo de outra aldêa vizinha. Ainda n'essa tarde fizeram em commum a refeição no terreiro da casa. Pela madrugada, porém, ella foi despertada em sobresalto por um grito de desespero e de agonia que ouviu junto a si. Logo após viu dois *Mundurucús* passarem junto á sua rêde, levando quasi de rastos

o cadaver de sua companheira, em cujo peito haviam cravado a lamina aguda da taquara, terminando este horrivel sacrificio estrangulando a misera em sua propria rêde. O cadaver, nú e ensanguentado, amanheceu no meio do terreiro, e ahi ficou exposto até a tarde. Todos passavam junto a elle em silencio e sem murmurar.

Ha muitos outros casos d'estes, pois são infelizmente ainda frequentes as execuções por motivo de feitiço. Dizem que no tempo, que esteve entre elles Caru-Sacaebê, nunca houve feitiço nem feiticeiros.

Tambem todo codigo criminal dos *Mundurucús* reduz-se a isto.

Não consta que um *Mundurucú* tenha jámais sido morto por outro, a não ser por motivo de feitiço. Se manifesta-se entre dois d'estes indios, habitantes da mesma aldêa, odio violento, o que rarissimas vezes succede, um dos dois inimigos não faz mais do que desatar a sua rêde, dirigir-se a qualquer das outras aldêas que bem lhe parece, e n'ella escolher um lugar no *ekçá*, e ahi ficar residindo pelo tempo que bem lhe apraz.

## XVI

Sentimento de sociabilidade entre os *Mundurucús*.—A familia.—A pintura caracteristica da tribu.

E' notavel o pronunciado espirito de sociabilidade, ou antes de nacionalidade, que, ligando fortemente entre si os individuos e as aldêas d'esta tribu, tem conservado n'aquelles desertos fóra do contacto e da influencia de nossa civilisação, ousarei dizer, a autonomia da republica *Mundurucú*.

Que os *Quichuas* sobre os Andes, apascentando suas ricas manadas de llamas e de alpacas, e cultivando em grande copia a batata, originaria d'essas montanhas, tenham podido reunir-se em grandes centros de população e constituir uma poderosa monarchia, não admira. Povo agricultor e pastor, possuia os elementos necessarios para viver no seio da abastança, desenvolvendo pelo impulso da vida social suas qualidades intellectuaes e moraes.

Mas os *Mundurucús* são agricultores e caçadores. Sua mesquinha lavoura não lhes póde fornecer abundantes recursos. A caça, mesmo n'essas planicies de rica fauna, nunca póde abastecer regularmente um grande centro de população. A' medida que a caça vai se tornando rara, os caçadores se vêm na necessidade de ir cada vez mais longe para encontral-a.

O gosto e a necessidade da caça, em vez de reunir os homens, tende ao contrario a isolal-os cada vez mais, pois só pelo isolamento podem evitar a concurrencia n'esse trafico, do qual dependem essencialmente os seus meios de existencia.

Não é outro o motivo que leva as familias das aldêas *Mundurucús* a dispersarem-se durante o verão. Como já tive occasião de referir, em minha excursão, encontrei algumas d'estas familias em cabanas situadas no meio das matas ou á margem do Caderery.

Entretanto, apezar de tudo, a tribu conserva-se fortemente unida, posto que dividida em vinte aldêas.

Não existe, é certo, um centro de governo civil ou religioso, ao qual todas essas aldêas prestem obediencia; mas os laços moraes, que vinculam entre si todas ellas e todos os individuos da tribu, são tão fortes, que têm resistido durante o longo curso de sua existencia a todas as causas de dissolução.

O casamento entre elles consiste em um simples accordo entre os nubentes e suas familias, e não é revestido de caracter ou fórmula alguma religiosa.

Succede ás vezes que um *Mundurucú* toma por noiva uma menina ainda de menor idade, de accordo com a familia d'ella, e trata-a então como sua futura esposa, fornece-lhe caça e outros meios de subsistencia até que ella chegue á puberdade para realizar o casamento.

Desde o momento do accordo a noiva é por todos como tal respeitada, e ninguem ousa disputal-a áquelle que está destinado a ser um dia seu marido.

O casamento, uma vez celebrado, constitue um forte laço de união entre os dois esposos. A polygamia não está em uso n'esta tribu, e não raras vezes se dão scenas de ciume.

As mulheres, nas aldêas, apezar de sobrecarregadas com trabalho, são por todos tratadas com certo recato; nem lhes é permittido entrar no *ekçá* ou quartel dos guerreiros.

Não obstante andarem inteiramente núas, ellas evitam cuidadosamente posições que possam parecer indecentes, a tal ponto que ninguem nota quando ellas atravessam certos periodos melindrosos peculiares a seu sexo.

A proposito de zelos e de ciumes, referirei um caso, porque entendo que estes factos observados pintam mais ao vivo do que qualquer descripção em termos geraes os usos, costumes e sentimentos de um povo.

A india Sebastiana, de quem já fallei anteriormente, era casada em Acupary. Um dia chega-se a ella um rapaz e diz-lhe: « *Deixa o teu marido, que não é bom caçador, e vem comigo para outra aldêa.* » N'este momento justamente apparece o marido, que, dirigindo-se para ella, lhe pergunta—*o que o seu interlocutor lhe havia dito?* A india, embaraçada, não sabia o que responder, e o marido lança mão de um arco e a castiga severamente. Entretanto este

casal viveu sempre unido, amando-se um ao outro, até que a desgraça, que ameaçou a mãi de Sebastiana, a obrigou a deixar o marido, fugindo de Acupary.

As familias são muito unidas; tanto os paes como as mãis são extremosos pelos filhos, e são capazes de arrostar os maiores perigos para amparal-os e protegêl-os.

Eu vi nas grandes casas das aldêas algumas crianças doentes serem tratadas com muito desvelo e solicitude.

Quando um *Mundurucú* refere-se a um outro individuo de sua tribu, emprega sempre esta phrase—*um nosso parente*—para distinguil-o de outro qualquer individuo de tribu differente.

Quando por acaso se encontram esses barbaros longe de suas aldêas, no meio das florestas ou á margem dos rios, facilmente se reconhecem pelas pinturas ou tatuages uniformes, e caracteristicos da tribu.

A pintura dos *Mundurucús* é cousa notavel. São desenhos traçados com extrema habilidade por mão de artista consummado.

No rosto e no peito são grande numero de losangos perfeitamente desenhados. Na parte posterior do corpo são linhas parallelas, tiradas desde o pescoço de alto a baixo até quasi os calcanhares; os seios, as nadegas e as partes sexuaes das mulheres, são pintadas com desenhos de fantasia, mas uniformes para o mesmo sexo.

Tanto os homens, como as mulheres, tiram grande vaidade d'este singular ornamento.

A operação da pintura é dolorosissima.

Começa quando a criança attinge a idade de oito annos. Como é natural, a criança não se presta voluntariamente ao supplicio; mas é tomada á força, lançada ao chão e privada de todo movimento.

Então o pintor, armado de agudo dente de cutia, vai tra-

çando os desenhos sobre o corpo da criança, que chega a verter sangue.

Sobre os traços applicam o suco do genipapo, que constitue uma tinta indelevel. Essas feridas, abertas á força, inflammam-se ordinariamente; ás vezes sobrevêm febres. Por isso a operação é feita de preferencia no inverno por ser menos intensa n'esta estação a acção do calor.

O trabalho é lento: deixam-se as primeiras feridas cicatrizar para continuar a operação. Por isso a pintura só fica completa quando o individuo se approxima dos vinte annos de idade, tão morosa é ella.

Parece, pois, isto uma especie de baptismo de sangue — um laço social—um vinculo consagrado, que, como solidos elos de uma cadêa, prende entre si todos os membros da tribu.

E' o traço de união intima, cuja origem remonta a Caru-Sacaebê, conforme refere a tradição.

Todo o corpo do *Mundurucú* é integralmente tomado por estes desenhos. E' impossivel que outro qualquer povo os faça mais extensos e mais perfeitos.

## XVII

Divisão de tempo.—Crenças.—Modo de enterramento.

Os *Mundurucús* dão ao sol o nome de *caxi*.

Distinguem o verão, a que chamam *coatu*, do inverno, a que chamam *ixi*.

Dizem que o inverno começa quando principiam a cahir as castanhas. E realmente os fructos da castanha (*bertholetia excelsa*) começam a cahir tanto que apparecem as primeiras chuvas.

Dizem que o verão começa quando apparecem as andorinhas.

Chamam a lua *caxiate*.

Lua cheia, *caxi-tupambon-pimau*.

Quarto crescente, *caxi-quite*.

Quarto minguante, *caxi-hian*.

Dia, *cabiá*; noite, *ximan*.

Para designar a manhã, meio-dia ou a tarde, apontam com o dedo indice a posição em que deve estar o sol na hora que querem designar.

A's estrellas chamam *cacutá*.

A' constellação das sete estrellas (hesperides), *tauadirá*.

Estrella d'alva, *cabiará*.

Cruzeiro do sul, *chenchentá* (*ch* pronunciado como em hespanhol na palavra *muchacha*).

Dizem que a terra é chata, mas não sabem onde começa nem onde acaba.

Quando um *Mundurucú* morre, quer seja homem ou mulher, velho, moço ou criança, seu espirito—*biumbê*—vai para outra vida, especie de paraiso, a que chamam *cabi*.

O *cabi* consiste em um campo sem limites, no meio do qual ha um *ekçá* bastante grande para abrigal-os a todos.

A's vezes esses espiritos vagam pelo espaço e produzem a tempestade. Outras vezes o espirito do *Mundurucú* baixa á terra, converte-se em *matin tapirera* para caçar durante a noite. Em todo o valle do Amazonas ouve-se com effeito durante a noite o canto descompassado de uma ave nocturna, que parece repetir continuamente estas vozes: *matin tapirera*.

Além da vida, além do tumulo, não ha mais penas nem lugares destinados ao supplicio dos espiritos. A existencia de além-tumulo é muito mais suave do que a vida terrena.

Estando no *cabi* não morrem mais, e se precisam de alguma cousa vêm a terra em fórma de trovão. Não ha espiritos máos empenhados em perder os *Mundurucús*.

Quando morre um d'estes selvagens os parentes cavam uma sepultura embaixo da propria rêde ; a sepultura tem a fórma de um cylindro a eixo vertical ; sobre ella descem o cadaver, accommodando-o na mesma posição em que se acha o féto no ventre materno, occupando a cabeça a posição mais elevada.

E' a posição de cócoras, a mesma que usavam os *Quichuas* e os egypcios. Deitam junto com o cadaver alguns objectos que foram de seu uso quando em vida, taes como armas, ornatos de pennas, etc. O meu interprete era um indio intelligente, e fallava, além do seu dialecto *mundurucú*, as linguas portugueza e *tupí*. Elle me traduzia em dialecto *mundurucú* sem hesitar as seguintes phrases : « Tenho saudades de minha mãi—*Nhebên uexi cahi* ; » « Tenho saudades de meu filho—*Nhebên opute cahi.* » A palavra *nhebên* significa saudade. « Minha alma vai para o céo—*Ubiumbê cabi cahi dhê.* »

Este conhecimento dos astros, posto que ainda muito limitado ; estas crenças de uma vida futura sem as perturbações de odiosas superstições ; esse poder de conceber e exprimir idéas abstractas, e os sentimentos mais puros e mais suaves do coração humano, como sejam saudades de mãi e de filho, me causavam sorpresa da parte de um povo, que sempre foi considerado como um dos mais barbaros e mais ferozes do valle do Amazonas.

Presumo que os *Mundurucús*, se não trouxeram essas idéas e conhecimentos de algumas das raças civilisadas do planalto dos Andes, ao menos têm vivido durante seculos da mesma fórma por que ainda vivem hoje os que habitam as aldêas das campinas, isto é, em centros tão populosos,

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

quanto o podem ser os de selvagens, que vivem de caça e dos exiguos recursos de uma lavoura rudimentar. Estas aldêas, em continuas communicações entre si, conservam os mesmos usos e costumes. A pintura dos *Mundurucús* outra cousa não é senão, como já disse acima, um baptismo de sangue, que imprime caracter indelevel—um laço sagrado, que estreita entre si em communhão fraternal todos os membros da numerosa e pujante tribu.

Entretanto me abstenho de tirar conclusões de qualquer natureza que seja. O meu proposito é observar escrupulosamente os factos e descrevêl-os com fidelidade.

Talvez que sobre este ligeiro esboço, que faço da vida de uma tribu selvagem, medite algum d'estes espiritos superiores, que se preoccupam do destino da humanidade e dos problemas da vida humana.

A estes pertence prescrutar os arcanos da Providencia, indagar qual o ponto de partida que tiveram os povos em sua peregrinação sobre a terra, quaes os trilhos que têm percorrido e quaes os destinos que lhes são reservados.

## XVIII

Meios de vida dos *Mundurucús*.— Caça. —Plantas cultivadas.—Fructos silvestres.

Os *Mundurucús*, dominando um vasto territorio coberto de mattas virgens, e campinas, sendo destros caçadores e possuindo excellentes cães, tiram da caça a principal base de subsistencia.

Possuem tambem uma pequena lavoura, ainda bastante rudimentar, mas que entretanto lhes é de não pequeno auxilio.

O territorio produz tambem muitos frutos silvestres, alguns de excellente qualidade.

Não mencionarei todas as variedades de caça que se encontram n'aquellas regiões onde abundam a anta, o veado, os porcos selvagens, o mutum, inhambú, jacamins e muitos outros. Darei aqui, entretanto, um quadro de todas as plantas cultivadas pelos *Mundurucús*, e outro dos frutos silvestres, com os respectivos nomes no dialecto d'estes selvagens :

*Plantas cultivadas*

| Nomes portuguezes ou tupis. | Nomes *mundurucús*. |
|---|---|
| Mandióca . . . . . | *Mocetá*. |
| Macacheira ou aipim. . . . . | *Mocepean*. |
| Cará grande branco . . . . . | *Puerá erechache*. |
| » » roxo. . . . . | *Puerá aniucate*. |
| » » pequeno branco. . | *Auairá*. |
| » » roxo. . . . . | *Anauerá aniucate*. |
| Batatas doces. . . . . | *Uixiá*. |
| Ananaz. . . . . | *Para-â*. |
| Mamão. . . . . | *Ação-â* |
| Pimenta . . . . . | *Aium-â*. |
| Canna de assucar. . . . . | *Canipec*. |
| Timbó. . . . . | *Comopi*. |
| Algodão. . . . . | *Bruun-â*. |
| Milho . . . . . | *Muirarâ*. |
| Fava grande . . . . . | *Ueitei*. |
| Banana . . . . . | *Acoubá*. |
| Banana de S. Thomé . . . . | *Acoreqempá* |
| Tajá grande . . . . . | *Pan-an-uan*. |
| Maniquera. . . . . | *Mocerá* |
| Flechas . . . . . | *Bepá* |
| Jamarú (cabaça) . . . . . | *Uiaiá* |

## *Fructos silvestres*

### *Fructos das matas e varzeas.*

| Portuguez ou tupi. | Mundurucú. | Portuguez ou tupi. | Mundurucú. |
|---|---|---|---|
| Castanha do Pará | *Hennain.* | Araticú | *Bocubocu.* |
| Assahy | *Oaporeme.* | Mocajá | *Uacuriá.* |
| Burity | *Inherepeá.* | Anajá | *Uaritaiá.* |
| Bacaba | *Haruruxê.* | Copu-ahy | *Acarapá.* |
| Patauá | *Uadhu.* | Pajurá | *Cobican-a* |
| Uxi | *Taruá.* | Cumahy (solvasinha) | *Iubaá.* |
| Pequiá | *Xaá.* | Massaranduba | *Cirara-â.* |
| Abio | *Anacareá.* | Cacáo do mato | *Uadherá.* |
| Cajú do mato | *Herecerá.* | Jutahy ou Jatubá | |
| Maracujá | *Maracuiá.* | Copu-assú | *Acarapá.* |
| Bacury-pari | *Uaremeçá.* | | |
| Solva | *Utuá.* | | |

### *Fructos dos campos.*

| | | | |
|---|---|---|---|
| Jaboticaba | *Jubã.* | Murucy | *Quenhen-â* |
| Mangaba | *Unhuâ.* | Marmelada | *Hera-â.* |
| Cajú do campo | *Hacerá caraú.* | Araticú do campo | *B o cubocu baru.* |
| Axiua | *Eten-ã.* | Ananaz | *Iparâ.* |

O *dahu* é a comida predilecta dos *Mundurucús*. Prepara-se com castanhas denominadas do Pará

Esta castanha é bastante conhecida, pois que a provincia do Pará exporta todos os annos para a Europa milhares de hectolitros.

E' conhecida na Europa pela denominação de noz do Brazil, contem sessenta por cento de um oleo muito fino e de sabor delicado.

Para preparar o *dahu*, os *Mundurucús* cozinham a castanha, tiram-lhe a casca, lavam-n'a, maceram-n'a, poem-n'a em uma panella, abafam-n'a com folhas e a expoem ao fumeiro por espaço de oito dias.

Esta massa experimenta uma especie de fermentação e exhala cheiro activo.

Então pilam-n'a e de novo põem-n'a em uma panella ao fogo.

Assim preparado o *dahu* conserva-se por muito tempo.

Tambem preparam outra especie de *dahu*, que consiste na mesma castanha, que depois de convenientemente cosida e macerada, é misturada com peixe ou carne de caça.

Ainda faz parte do regimen alimenticio dos *Mundurucús* o mingáu de bananas, de cará, mingáu de farinha misturada com assahy, patauá, bacabas mingáo de maniquera.

Tomam durante o verão uma especie de refresco feito de favas bravas, a que chamam—*uteima*.

Não consta que façam uso de bebidas alchoolicas nem que se embriaguem.

São mui sobrios. Si por acaso em dias chuvosos de inverno falta-lhes caça, a alimentação reduz-se a batatas, carás, castanhas, dahu, etc.

Conservam a carne de caça *moqueada*, o que conseguem expondo a caça a um fogo lento, pelo meio conhecido.

## XIX

Plantas cultivadas das aldêas *Mundurucús*(*).

| | |
|---|---|
| Mandióca. | *Manihot utilissima.* Linn. Fam. euphorbiaceas. |
| Macaxera ou aipim. | *Manihot aypim.* Fam. euphorbiaceas. |

(*) Devo esta nota technologica á obsequiosa collaboração do Sr. Dr. Lourenço José Ribeiro da Cruz Rangel, distincto praticante da secção de botanica do Museu Nacional.

| | |
|---|---|
| Cará grande branco.<br>Cará grande rôxo.<br>Cará pequeno branco.<br>Cará pequeno rôxo. | *Dioscorea bulbifera*, dioscorea sativa, Linn. Fam. dioscoreas. Ha diversas especies de cará, como sejam: *Dioscorea dodecaneura*, Vall.; *Dioscorea hyperi folia*, Velloso; *Dioscorea tribola*, Vil.; *Dioscorea brasiliensis*, etc., etc. |
| Melancia. | *Cucurbita citrullus*, Linn. Fam. cucurbitaceas. |
| Jerimú. | *Cucurbita maxima*, D. C. Fam. cucurbitaceas. |
| Batata doce. | *Convolvulus edulis*. Fam. convolvulaceas. |
| Ananaz. | *Bromelia ananas*, Linn. Fam. bromeliaceas. |
| Mamão. | *Caryca papaya*, Linn. Fam. papayaceas. |
| Pimenta. | Grande numero de fructos de familias e generos differentes é conhecido sob o nome de pimenta; porém a mais conhecida dos indios, e da que elles mais uso fazem, é a pimenta malagueta, *Capsicum pendulum*, de Velloso. Fam. solanaceas. |
| Canna de assucar. | *Saccharum officinarum*, Linn. Fam. graminaceas. |
| Timbó. | Cipó timbó, tambem conhecido por cururú-apé é a *Paulinia pinnata*, e o timbó do Rio de Janeiro é o *Physalis heterophilla*. Além d'estes ha tambem no genero Serjania algumas especies toxicas, |

conhecidas sob o nome de timbó; assim, a *S. caracasana*, *S. clematidifólia* e a *S. lethalis*, principalmente esta ultima, como o nome caracteristico indica.

Algodão. *Gossipium herbaceum*, Lamarkc. Fam. malvaceas.

Milho. *Zéa mais*, Linn. Fam. graminaceas.

Fava grande. Fava, *Vicia sativa*, Linn. Fam. leguminosas. Ha grande numero de favas, quasi todas pertencentes ao genero *Phaseolus*. Fam. leguminosas.

Banana. Banana prata, *Musa argentea*; banana da terra, *Musa sapientum*; banana anã, *Hexandria mouœcia*, Linn. Todos generos da familia das musaceas.

Banana de S. Thomé. *Musa paradisiaca*, Linn. Fam. musaceas.

Taja grande. *Caladium esculentum*, Linn. Fam. aroideas.

Flechas. As flechas empregadas pelos indios na fabricação das settas pertencem á canna brava, *Anthoxanthium gigans*. Fam. graminaceas.

Cabaços. Cabaço, *Cucurbita lagenaria*, Linn.; *Cucurbita leucalhes*, Duch., generos da familia das cucurbitaceas. O nome de cabaço é empregado para designar diversas especies do genero *Cucurbita* da familia das cucurbitaceas, das quaes umas são comestiveis e outras toxicas.

Fructos não cultivados e indigenas d'essas regiões.

*Fructos dos campos.*

| | |
|---|---|
| Mangaba. | *Hancornea pubescens*, Martius. Fam. apocineas. |
| Jaboticabá. | *Myrtus cauliflora*, Martius. Fam. myrtaceas. |
| Cajú do campo. | *Anacardium humile?* Martius. Fam. therebentinaceas. |
| Axina. | |
| Muruxi. | *Byrsonima serieca.* |
| Marmelada. | Dão este nome em Sergipe ao fructo de um arbusto agreste, que se parece com o jenipapo, de um arroxado escuro; é comestivel, e suppõe-se ser uma especie de marmello das Alagôas, *Cydonia?* Fam. rosaceas. |
| Ariticú do campo. | *Anona cornifolia*, St. Hilaire. Fam. anonaceas. |
| Anany. | *Leopoldina imperialis*. Fam. cucurbitaceas. |

*Fructos das matas e varzeas.*

| | |
|---|---|
| Castanha. | Castanha do Pará ou Maranhão, *Bertholletia excelsa*, Humb. e Bomp. Fam. myrtaceas. |
| Assahy. | *Euterpe edulis*, Martius. Fam. palmeiras. |
| Muruty. | *Mauritia vinifera*, Linn. Fam. palmeiras. |
| Bacaba. | *Oenocarpus baccaba*, Martius. Fam. palmeiras. |

| | |
|---|---|
| Patauá. | *Oenocarpus?* Fam. palmeiras. |
| Uxi. | *Uxi umbrossimus.* Fam. crisobolaneas. |
| Pequiá. | Pequiá-café ou café bravo, *Casearia fœtida* Fam. samydeas. |
| Abio. | *Labatia reticulata*, Martius. Fam. sapotaceas. |
| Cajú da mata. | Suppõe-se pertencer ao genero *Cassuvium* Fam. therebentinaceas. |
| Maracujá. | *Passiflora maliformis*, Linn. e Wild. Fam. passifloraceas. |
| Bacuru-pari. | *Platonia insignis*, Martius. Fam. canellaceas. |
| Salva. | *Lippia citrata*, Schelt. Fam. verbenaceas. Salva do Brasil, *Salvia fulgens*, Cav. Mahl. Fam. labiaceas. Salva do mato, *Hurreria salsaparrilha.* |
| Ariticú. | *Anona silvatica*, St. Hilaire. Fam. anonaceas. |
| Mocaja. | Conhecido no Rio de Janeiro por côco de catarrho, *Acrocomia sclerocarpa*, Martius. Fam. palmeiras. |
| Anaja ou majá. | Fam. palmeiras. |
| Cupu-assú. | *Deltonea luctea.* Fam. malvaceas. |
| Cupu-ahy. | Fam. leguminosas. |
| Pajura. | Fam. das laurineas. |
| Cumaty. | *Psydum albidum*, St. Hilaire. Fam. myrtaceas. |
| Massaranduba. | *Achras paraensis. Massaranduba emarginata*, Lacerda. Fam. sapotaceas. |

| | |
|---|---|
| Cacáo do mato. | Cacáo, *Theobroma cacáo*, Linn. Fam. buthneriaceas. Cacáo bravo, *Theobroma guianensis*, Willd. Fam. buthneriaceas. |
| Jotobá | *Hymenœa stibocorpa*, Haine e Martius. *Hymenea courbaril*, Linn. Fam. leguminosas. |

## XX

### Dialecto *mundurucú*.

Damos em seguida algumas phrases e alguns termos do dialecto *mundurucú*:

| Portuguez. | Tupí. | Mundurucú. |
|---|---|---|
| Boa tarde | *Ianê caruca* | *Oui caxitengue.* |
| Bom dia | *Ianê eoema* | *Cabiá.* |
| Até a volta | *Acuri cha iuera ramé* | *Repite bimá.* |
| Boa noite | *Ianê pitúna* | *Iaicate.* |
| Como está? | *Catu meri será?* | *Chi pateene?* |
| Estou bom | *Catu teên* | *Une chipate.* |

| Portuguez. | Mundurucú. | Portuguez | Mundurucú. |
|---|---|---|---|
| Sol | *Caxi.* | Vamos comer | *Nhachecon.* |
| Lua | *Caxiate.* | Verruga | *Querêra.* |
| Homem | *Anhocate.* | Nariz | *Ueramboque* |
| Mulher | *Aiatiate.* | Dente | *Ueirei.* |
| Dia | *Cabiá.* | Olho | *Uetá.* |
| Noite | *Ximân.* | Lingua | *Ueicu.* |
| Estrella | *Taçêpetá.* | Boca | *Ueibi-xée.* |
| Chuva | *Mambaûte.* | Rosto | *Ueirupá.* |
| Trovão | *Beru-xixi.* | Cabeça | *Uiaã.* |
| Céo ou espaço celeste | *Cabi.* | Orelha | *Oenhembôe* |
| | | Perna | *Uiraû.* |
| Nuvem | *Cabi crereate* | Pé | *Uiei.* |
| Agua | *Iribi.* | Braço | *Uibá.* |
| Menino | *Berechata.* | Unha | *Uêinrãn.* |

| Portuguez. | Mundurucú. | Portuguez | Mundurucú. |
|---|---|---|---|
| Barba | *Uibirape.* | Sovaco | *Ueinhembi.* |
| Cabello | *Uiarape.* | Venta | *Uiabingta.* |
| Mão | *Uebaraná.* | Rêde | *Caran.* |
| Dedo da mão | *Ueibê.* | Eu | *Une.* |
| Sobrancelhas | *Ueitá embite.* | Tu | *Ene.* |
| | | Elle | *Inhedhe.* |
| Dedo do pé | *Uiei.* | Elles | *Inhedheanhe.* |
| Peito | *Ueicametá.* | | |
| Barriga | *Uêiecca.* | Amigo | *Ubeixi.* |
| Umbigo | *Uêrampeá.* | Irmão mais velho | *Uamu.* |
| Garganta | *Uecumbirá.* | | |
| Pescoço | *Uanhembé.* | Irmão mais moço | *Ocouto.* |
| Pinta | *Ueixiquetique.* | | |
| | | Irmã | *Uêixite.* |

Dar—*Unheme.*

| | |
|---|---|
| Eu dou | *Une unheme.* |
| Tu dás | *Ene unheme.* |
| Elle dá | *Inhedhe-ate unheme.* |
| Elles dão | *Inhedianhe unheme.* |

Ser homem—*Anhocate dhê.*

| | |
|---|---|
| Eu sou homem | *Une dhê anhocate.* |
| Tu és homem | *Ene dlhê anhocate.* |
| Elle é homem | *Inhe dhê anhocate.* |
| Elles são homens | *Inhedianhe anhocate.* |

Comer—*Uchecune.*

| | |
|---|---|
| Eu como | *Une uchecune.* |
| Tu comes | *Ene edhuú.* |
| Elle come | *Inhedhêê udhuú.* |
| Elles comem | *Inhedianhe udhuú.* |

| Portuguez | Mundurucú |
|---|---|
| Eu ja vou..... | *udhebeque.* |
| Lembranças para ti mesmo. | *Ecatu dhe euê bê.* |
| Os *Mundurucús* são todos parentes..... | *Mundurucús nheên dhiu anhum umain.* |
| Minha alma vai para o céo.. | *Ubiumbê cabi cahi dhe.* |
| Tenho saudades de minha mãi | *Nheben nexi cahi.* |
| Tenho saudades de meu filho | *Nheben opute cahi.* |
| Eu sou teu amigo..... | *Une ubei xixi.* |
| Eu não te hei de vêr mais... | *Nhan sên edhuame dhei une.* |

Para facilitar a confrontação do dialecto *mundurucú* com as tres principaes linguas americanas, damos o seguinte quadro :

# QUADRO COMPARATIVO

| Portuguez | Quichuas | Aymará | Tupi | Mundurucú |
|---|---|---|---|---|
| Homem | *Runa* | *Hake* | *Apgaua* | *Anhocate* |
| Mulher | *Huarmi* | *Marmi* | *Cunhã* | *Aiatiate* |
| Cabeça | *Uma* | *Ppekeña* | *Akanga* | *Uiaâ* |
| Rosto | *Ceaklla* | *Nauna* | *Ruá* ou *çuá* | *Ueirupá* |
| Olho | *Nahui* | *Nayra* | *Teçá* | *Uetá* |
| Orelha | *Rinri* | *Inchu* | *Apiçaqua* | *Oenhembóe* |
| Mão | *Maki* | *Ampara* | *Mbó* | *Ubaraná* |
| Sol | *Inti* | *Inti* | *Guaraci* | *Caxi* |
| Lua | *Killa* | *Phakhi* | *Jacy* | *Caxi-âte* |
| Agua | *Jacu* | *Uma* | *Y* | *Iribi* |
| Eu | *Noca* | *Na* | *Ixé* ou *xé* | *Une* |
| Elle | *Pay* | *Hupa* | *Ahé* | *Inhendhe* |
| Comer | *Micumi* | *Mankatha* | *U* | *Uchecne* |

## XXI

### Honras funebres feitas aos guerreiros que morrem em combate.

Quando em uma d'essas frequentes guerras succede que um *Mundurucú* morre em combate, seus companheiros cortam-lhe a cabeça e a fazem mumificar pelo processo conhecido.

Regressando á aldêa, collocam-n'a em um lugar reservado, assim como as armas, a buzina e os ornatos que pertenceram ao guerreiro defunto.

Esta reliquia torna-se objecto de veneração publica.

Se passa algum *Mundurucú* das aldêas vizinhas vai visital-a e rende-lhe o culto devido, chorando e lamentando a sorte do finado. Na aldêa natal preparam-lhe honras publicas; fixam de antemão a época, e fazem convites ás aldêas vizinhas.

Chegada a época aprazada reune-se o povo; depositam a cabeça em uma especie de cesto ou balaio, o qual é collocado sobre o collo da viuva, mãi e irmãs do defunto.

As outras mulheres sentam-se no chão, fazendo um circulo em torno. Varias tochas de madeiras resinosas ardem junto ao cesto funerario.

Os guerreiros, ornados com enfeites e armados de arcos e flechas, dansam em torno do grupo, tocando as businas e outros instrumentos de musica.

Outros grupos de homens fazem outro tanto no *ekçá*, outros vão dansando e cantando em torno da casa onde se acha a cabeça, objecto d'estas honras funebres. Ao mesmo tempo vão entoando em voz alta estas lamentações:

« Tu morreste, meu parente, nós te vingaremos; para

este fim estamos no mundo, para vingarmos uns aos outros que morrem na guerra. Nossos inimigos não são mais valentes nem mais homens do que nós. »

O texto *mundurucú* é o seguinte:

« Etean ari ubaripeinhaçan eted ei ue-gne ari utiede aipanme idie ôpe be ateúeiame rupanhô be tean anhem parui áte bé. Uterupanhon ibeixi ame utie de utedie ute beixi. »

Estas festas funebres duram mais de um dia. Celebram uma em cada um dos quatro primeiros annos que se seguem á morte do guerreiro.

A festa do quarto anno termina pelo enterro da cabeça; n'esta occasião, tanto os homens, como as mulheres, dirigem-lhe as palavras seguintes:

« Meu irmão, ou meu filho, aqui viemos para te fazer o enterro. Morreste; para este fim nasceste. Morreste em guerra, porque foste valente; para isto nossas mãis e paes nos crearam. Não devemos temer o inimigo. Quem morre em guerra morre com honra; não é como quem morre de molestia. Viemos de todas as *malocas* para chorar e dansar até o fim do teu enterro. »

A versão em *mundurucú* é a seguinte :

« Uanhum inhaçan uté sôte écú tcháme. Imenhame ari utiê bai utiê mai pánme. Etêâ uanhum utê rupanhum bê anhocate ediê. Imenhame utiê xi utiê me pito utiê bai ari uê utiê úebé anhocate epéçupeidiê ipi bé utiê parará ama utiê rupanhum bê-xime. Rupanhum-bê tiê à âen anhocate ediê tutu uê ê utié rupanhum bê-ibé pame une pite idiôtié mâ utié pa-âme paï bêxime cauxi pibône. Idiôtié utiésote anhuncaxiri bêúi caracuie cuié âê uadime uté cabé ute racui axirau umãe iueipe iúé utiê uébé pam utié sote nhaçam diutié achi-tutúne pre ibiman utié diepite diei. »

Ao mesmo tempo as mulheres, em torno da cesta funeraria, dizem como se fosse o defunto que fallasse:

« Minha mãi (ou minha mulher), tu has de morrer de molestia em tua cama. Eu morri na guerra por ser valente. »

Durante estas festas os pagés tocam um instrumento especial: é uma especie de corneta, a que chamam—*caruquê*.

Para isto o pagé occulta-se em uma pequena cabana, expressamente construida para este fim, na qual é rigorosamente vedado ás mulheres entrarem.

Por outro lado, estas mulheres supersticiosas evitam por todos os meios ao seu alcance lançar as vistas sobre este instrumento sagrado e mysterioso. Estão intimamente convictas de que, se chegassem a vêr um momento sequer o *caruquê* teriam commettido um sacrilegio, que as tornaria infelizes por toda a vida.

Emfim, dentro da casa, onde habita a familia do guerreiro defunto, abrem uma sepultura em sentido vertical, e n'ella enterram a cabeça, em cuja honra se celebram as festas.

## XXII

### Festas em honra da caça, da pesca e da lavoura.

Cada aldêa *Mundurucú* celebra tambem no começo do inverno de cada anno uma festa publica, sendo alternativamente um anno em honra da caça e outro em honra da pesca.

Para isto a aldêa elege um director de festa, que é naturalmente escolhido entre os guerreiros de mais prestigio, e que deve tambem ser bom cantor.

Fazem de antemão abundante provisão de caça, de bejús, (especie de pão feito com a massa da mandioca), de batatas e de outros generos alimenticios.

As mulheres pintam-se de genipapo, urucú e outras côres de grande effeito.

Homens e mulheres, ornados com enfeites de pennas, com collares de dentes de inimigos, reunem-se em grupos, onde bem lhes parece, e começam a tocar, dansar e cantar.

Reunem craneos de antas, veados, e de outras caças ou peixes, e offerecem-lhes as melhores iguarias, *dahu*, o tarubá, a maniquera e outras.

A' meia-noite o pagé recolhe-se a um quarto reservado, onde não possa penetrar vista profana. Ahi, no meio de profundas trévas, evoca em altas vozes a *mãi* da anta, em primeiro lugar, se a festa é consagrada á caça.

Não tarda muito que o povo, que se acha em torno da barraca mysteriosa, ouve dentro d'ella o grito agudo da anta.

E' o pagé que imita o grito d'esse animal para dar a entender aos circumstantes que o genio evocado acudiu ao seu chamado e baixou á sua cabana.

Então começa em altas vozes um dialogo animado entre a *mãi* da anta e o pagé. Elle pede áquella que durante o anno seja propicia aos caçadores da aldêa, fazendo com que seus filhos não se afastem para longe e appareçam em grande numero. A resposta é sempre favoravel.

Depois é evocada a *mãi* do veado, e successivamente as de todos os outros animaes que os *Mundurucús* desejam encontrar em suas caçadas.

A festa em honra dos peixes é em tudo semelhante á precedente.

Além d'estas festas consagradas aos genios tutelares da caça e da pesca, os *Mundurucús* celebram ainda todos os annos, no começo do verão, outra em honra da lavoura.

Homens e mulheres collocam-se em linha, tocando uma especie de corneta, chamada—*ken*; —dansando e cantando invocam as *mãis* da mandioca, do milho, etc., pelo seguinte modo:

« Oh *mãi* da mandioca, favorece-nos com os fructos de teus filhos. Não nos deixes passar privações. Todos os annos te dirigimos nossas supplicas; não nos esquecemos nunca de ti. »

Os pagés cantam na frente do povo esta invocação, que o mesmo povo repete em côro.

O texto *Mundurucú* é o seguinte:

« Mucêipixi eirú beré bereme u tiédié imenedié diéi chipanme mucê dê aipanem itabungue diêé taraibote ama epôtepôte diêe imenedié tutu utiê-diê araiarai utêcôpe ixi abime pame euatu abime éirú bereereme bate que mêaipánhate uéré mon utiê caroi diêai panme tuman. »

## XXIII

Missão do Bacabal.—Historico.—Luta renhida entre os principaes moradores do municipio e o missionario

O governo imperial não tem poupado esforços para chamar ao gremio da civilisação as hordas que erram pelo valle do Alto-Tapajoz. Foi com esse fim que em 1872 mandou fundar a Missão do Bacabal.

Esta missão, chamando a si todos os indios *Mundurucús* que habitavam as margens do Alto-Tapajoz, provocou desde logo vivas reclamações da parte dos principaes moradores do municipio de Itaituba.

Para dar uma idéa dos obstaculos com que o governo luta, para realizar o seu grande empenho de catechisar as

tribus indigenas, darei aqui o historico da Missão do Bacabal, que chegou a reunir uma população de quinhentos indios de uma das tribus mais importantes do Brasil, como é incontestavelmente a *Mundurucú*.

E para que não possa ser acoimado de parcial n'esta narrativa, transcrevo textualmente os proprios documentos, tanto da parte dos moradores do municipio, como da parte do missionario, os quaes põem em relevo a animosidade que reina entre as duas partes.

Os principaes lavradores e negociantes do municipio de Itaituba, em 1° de Março de 1874, enviaram á asssembléa legislativa da provincia do Pará uma reclamação, queixando-se de que o missionario do Bacabal nada mais fazia do que monopolisar o trabalho dos indios mansos das margens do Tapajoz, e não curava de fazer a catechese entre as hordas selvagens das aldêas centraes.

Eis-aqui a integra d'essa representação :

« Senhores membros da assembléa legislativa provincial.—Em fins do anno de 1871 subiram ao Alto Tapajoz os Rvs. missionarios Fr. Pelino de Castrovalva e Fr. Antonino, para montar uma missão em lugar mais apropriado ao descimento das tribus indigenas, que ainda numerosas povoam os sertões d'esta região. Este acontecimento foi por todos applaudido, porque d'est'arte o crescimento e florescimento d'esta parte do Imperio seria certo á vista da falta de braços que sente a provincia para a agricultura que definha, e outros ramos que constituem e alimentam o commercio entre nós. Os missionarios escolheram o lugar denominado Bacabal, onde existia um aldêamento antiquissimo de indios já civilisados, que se empregavam na agricultura, fabrico de borracha, e muitos serviços prestavam ás canôas, como praticos, negociando com a permuta dos generos de sua lavra. Os missionarios, mal informados e

imprudentes, dando ouvidos aos zoilos e aventureiros, declararam desde logo guerra cruel aos negociantes, denominando a todos, sem excepção, ladrões, perversos, e aconselhando aos indios que não pagassem suas dividas, porque nada deviam, impedindo que os mesmos prestassem serviços ás canôas nas viagens perigosas das cachoeiras, dando causa a prejuizos gravississimos nos annos de 1872 e 1873, taes como a perda de doze canôas, com seus carregamentos e algumas vidas!... Havendo na cidade de Santarem um periodico, fez-se sciente ao governo d'estes factos pelas columnas do mesmo jornal; infelizmente parece que as autoridades superiores são illudidas, e não acreditam nas verdadeiras relações dada pela imprensa. O mal se vai aggravando de dia em dia, porque recebendo os missionarios protecção do governo, que nutre os mais louvaveis desejos a bem da catechese, concentram no Bacabal os indios que ahi estavam residindo, seduzindo muitos assalariados pelos negociantes, e homens de côr que viviam irregularmente, empregando-os em serviços aproveitaveis sómente a elles missionarios, em canticos, e outros actos que a decencia manda calar. Pelos documentos juntos será apreciado o procedimento dos ditos missionarios, que até o presente nenhum serviço têm prestado a bem da catechese, o que já determinou a camara municipal de Itaituba a representar ao governo sobre a maneira por que esses missionarios procedem, tudo contrario ao fim de sua missão, não tendo ate hoje surtido effeito algum.—Pedem, pois, os abaixo-assignados a esta nobre corporação que, tomando em conta os males que vão em crescimento, prejudicando ao Alto Tapajoz, autorise ao presidente da provincia a enviar uma commissão de homens competentes para syndicar dos factos, conhecer a verdade, e então serem dadas providencias conducentes a extinguir-se os soffrimentos

que os obrigam a levar esta reclamação aos eleitos do povo. Itaituba, 1° de Março de 1874. » (Seguem-se as assignaturas.)

Por outra parte tambem, o padre missionario queixa-se amargamente, não de todos os cidadãos signatarios da representação, mas dos negociantes denominados *regatões*, que todos os annos costumam penetrar pelo Alto-Tapajoz, levando algumas mercadorias em pequenas canôas para trocarem com a borracha, a salsa, o oleo de cupahyba, e outros productos naturaes d'essa região.

Em officio de 20 de Janeiro de 1876 diz o missionario Fr. Pelino de Castrovalva ao presidente da provincia do Pará:

« Foi em 10 de Julho do anno passado que o Sr. Dr. Tocantins visitou esta missão e poucos dias depois da partida d'este senhor eu tive de chegar até essa capital, por motivos que interessam a bem da mesma missão, como é de V. Ex. sabido.

« Durante a minha ausencia a moralidade publica na aldêa foi muito perturbada por uns regatões contrabandistas.

. . . . . .

« Estes regatões com seus tripolantes tendo recebido noticia de que a Missão estava desamparada, cada um por sua vez correu sem demora á aldêa, e ahi chegando commetteram excessos de ladroeira e devassidão.

« Conforme o costume d'elles, embriagaram primeiro os indios com cachaça, e estando elles privados assim do uso da razão lhes tiraram tudo que puderam, farinha, criação de patos e gallinhas, etc., dando-lhes apenas em troco a cachaça que bebiam.

« Levantaram prostitução publica de dia e de noite, no porto e nas casas, e, oh! Exm. Sr., n'este ponto foram ver-

dadeiramente excessivos ! Não houve familia dos pobres indios, de cuja honra e decoro mais caro não abusassem de um modo horrrivel, e choraram até as pedras a tanta calamidade !

« A desmoralisação foi tanto além, que os mesmos indios, no estado de embriaguez, esquecendo todas as boas instrucções, imitaram os regatões na devassidão e assim tornou-se n'aquelles dias a missão um verdadeiro lupanar !

« Em consequencia d'este estado anormal em que se achou o aldêamento, nos poucos dias de minha ausencia, que não passaram de quarenta e nove, houve n'elle uma retrogradação notavel.

« N'aquelle mesmo tempo dez indios, preoccupados de superstição (e não se sabe se esta veiu tambem de gente estranha), diziam que, achando-se desamparados do padre missionario o governo os teria mandado matar a todos elles, repetindo, loucamente, que a este fim viéra o Sr. Dr. Tocantins : entregaram-se á fuga, entranhando-se no mais recondito das florestas.

« Outros, em numero de mais de vinte, illudidos pelos regatões, tinham tambem deixado o aldêamento acompanhando os ditos regatões na extracção da borracha.

« Outros varios contrahiram allianças com outros regatões ou trabalhadores de borracha, e estes na minha chegada estavam tambem para deixar a missão.

« E se poucos dias mais ficasse ella desamparada ficaria completamente destruida.

« A minha inesperada volta á missão sendo de grande alvoroto para os indios, foi tambem de espanto para os adversarios.

« A ordem publica, graças á Divina Providencia, restabeleceu-se. Fiz dar busca aos indios que se achavam fóra desviados, e com pouco consegui restituil-os todos á mis-

são. Dobrei em rigor na observancia da disciplina, conforme o regulamento, não consentindo que espertalhões estranhos parem na missão, ou contratem com os indios sem minha licença e sem minha presença.

« A protecção que o governo mui justa e sabiamente dá á missão tem posto em desespero os adversarios da mesma; e hoje, que estão perfeitamente scientes d'isto, vão abandonando a causa.

« Depois da minha volta á missão só temos um caso a lamentar, e é o seguinte:

« Um tal Boaventura Alves Pereira, um dos maiores enganadores dos indios, devasso e portador de cachaça, e que por esta razão tem sido expulso por vezes da missão, uma noite, de 10 a 15 de Dezembro passado, illudindo a minha attenção, apresentou-se occultamente a alguns indios, e os convidou a virem negociar com elle em um porto perto da missão. Os indios, posto que com algum medo, consentiram e foram. Renovaram-se então as scenas do costume: houve tudo, embora com mais moderação.

« Logo que apercebi a presença do regatão mandei immediatamente uns indios com uniforme militar (que formam aqui uma especie de destacamento), recommendando-lhes que me trouxessem o regatão, afim de eu lhe tirar o roubo que tinha feito. Foram; mas o regatão, avistando soldados, desprendeu a canôa do porto, e, como o cabo para prendêl-o quizesse reter a canôa, que já se ia afastando, o regatão ameaçou de matal-o com um tiro de espingarda.

« Desapontado o cabo e os seus companheiros, correram a buscar uma canôa para perseguil-o; eu, porém, não quiz consentir para evitar conflicto.

« Castiguei os maioraes dos indios culpados, e sendo o regatão recedivo o denunciei ao subdelegado de Itaituba, conforme manda o regulamento das missões.

« Mas, Exm. Sr., sciente das desaffeições que reinam em Itaituba contra a missão, nada de lá podemos esperar. Por isso me volvo a V. Ex., e lhe peço e supplico que me mande botar fóra do districto da missão dois individuos, que são summamente nocivos ao desenvolvimento da mesma.

. . . . . .

« Vivo seguro que V. Ex. livrará a missão d'esta peste de gente, mandando-a expulsar até cinco leguas fóra dos limites do districto, conforme ordena o respectivo regulamento. »

## XXIV

Os *Mundurucús* atacam uma leva de *Parintintins*.—Os *Parintintins* atacam alguns moradores á margem do Tapajoz.

Por este tempo appareceu ás margens de um dos affluentes do Tapajoz, não longe da missão, uma leva de *Parintintins*.

Estes pobres selvagens, longe de encontrarem christãos, que lhes fossem ao encontro, e os chamassem ao campo do trabalho e á vida social, só encontraram algozes.

Alguns aventureiros, d'esses que costumam penetrar durante o verão por estas regiões para extrahirem borracha, foram logo dar aviso aos *Mundurucús* de uma aldêa vizinha. Estes puzeram-se immediatamente em marcha, encontraram os *Parintintins*, bateram-n'os, mataram alguns e puzeram em debandada os que escaparam, e regressaram á aldêa, trazendo varios captivos, entre mulheres e crianças.

Não admira pois que os *Parintintins* não tenham jámais podido fixar suas aldêas no valle do Tapajoz, por onde

andam errantes constantemente ha longos annos. Mas estes barbaros, cuja sorte é andar continuamente em sobresalto e alarma, perseguidos no mais recondito das florestas, expostos a vêrem a cada momento arrebatados violentamente suas mulheres e seus filhos, affagam tambem em seus peitos agitados o sentimento da vingança.

Não podendo fazer mais estragos nas fileiras de seus inimigos *Mundurucús*, nem entre aquelles sertanejos que se ligaram a estes na miserevel esperança de ficarem talvez com algumas crianças *Parintintins* captivas, estes barbaros procuraram comtudo demonstrar, pelo modo que lhes era possivel, o profundo odio que lhes causára este infame massacre.

Eis-aqui textualmente como Fr. Pelino de Castrovalva, em *Relatorio* de 14 de Agosto de 1876, refere ao presidente do Pará o assalto dado pelos *Parintintins* á casa de uns sertanejos vizinhos da missão:

« Os *Parintintins*, que é outra tribu numerosa, que vive vida selvagem, errando nas florestas, e em continua guerra com os *Mundurucús*, não se fariam esperar para a civilisação, reunidos os *Mundurucús:* desde a fundação da missão, tendo-se attenuado o rigor com que eram batidos pelos *Mundurucús*, vão elles fazendo alguma apparição nas suas excursões. Têm havido varias d'estas em diversos pontos do littoral do Tapajoz, sendo a ultima em primeiros de Julho proximo passado, na boca do Jauanchim, confluente do Tapajoz.

« Moravam no dito lugar, em uma pequena barraca, á margem do rio, tres individuos, dois homens e uma mulher, vindos de Itaituba ao Alto-Tapajoz para extrahirem borracha. N'uma tarde de um dos primeiros dias de Julho ultimo, pelas 5 horas, viram no meio do mato, perto da barraca, desfilar uma numerosa horda de selvagens, nús,

armados de arcos e flechas, enfeitados alguns com pennas de arára. Os tres individuos, no meio do susto, imprudentemente confiaram que passassem além, e não houvesse nada de mal, assim como tem succedido em outros pontos em alguns outros apparecimentos dos mesmos indios.

« Porém não foi assim : passada a noite, ás 6 horas da manhã do dia seguinte, se viram cercados em casa pelos *Parintintins*, que, urrando e uivando, á guisa de animaes ferozes, acommetteram os tres individuos. Estes defenderam-se com arma de fogo ; houve então um renhido combate. O chefe dos *Parintintins* ficou morto, muitos outros feridos ; os dois homens siringueiros ficaram gravemente feridos, levando um até seis flexadas, e algumas traspassaram.

« No meio do combate, faltando aos *Parintintins* flexas, as foram buscar perto das mulheres d'elles, que estavam esperando á pouca distancia. Os dois siringueiros, aproveitando esse pequeno intervallo, deram-se á fuga ; e a pobre mulher, que no meio do susto não pôde acompanhar os fugitivos, ficou presa dos selvagens, que de volta, furibundos de não ter podido findar os homens, amputaram-lhe a cabeça com facas de madeira, levaram-n'a, deixando só o tronco, e muitas flexas enfincadas no tecto da pequena barraca e n'uma canôa e outras postas em fórma de cruz em signal de vingança.

« Em seguida d'este facto, todos os trabalhadores de siringa, que se achavam n'aquellas vizinhanças, retiraram-se para as ilhas, deixando deserta a margem direita do Tapajoz desde o Apuy até as Montanhas, distancia de umas cincoenta leguas.

« Tendo eu na missão recebido noticia d'esse acontecimento, teria querido voar para ir em busca d'aquelles infelizes aborigenes ; porém, ponderando seriamente o caso e

ouvindo as informações dos *Mundurucús* da missão, reconheci impossivel qualquer tentativa. As bastas florestas intransitaveis, os lagos, os igarapés que trato-trato se seguem no centro, tornam impossivel a passagem ao missionario. »

## XXV

Continuam as hostilidades entre o missionario do Bacabal e os principaes cidadãos do municipio de Itaituba.

As hostilidades entre o missionario e aquelles que elle chamava adversarios da missão continuavam sempre.

O governo imperial tinha todo o empenho de elucidar esta questão, pois toma a peito o serviço da cathechese; mas difficil lhe era apurar a verdade n'aquellas longinquas regiões.

O digno presidente da provincia do Pará, o Sr. commendador Pedro Vicente de Azevedo, incumbiu-me então de vizitar a missão do Bacabal, para estudar tudo quanto interessar podesse ao serviço da cathechese, de maneira a habilital-o a dar minuciosas informações ao ministerio da agricultura.

Tive occasião de verificar que aquella missão, uma das mais populosas do Imperio, pois que conta quinhentos indios, está no caso de prestar assignalado serviço, chamando á christandade, não somente a parte da tribu *Mundurucú*, que ainda vive nas selvas, longe das margens do Tapajoz, mas tambem os intrataveis *Parintintins*, e todas as hordas gentilicas que vagam pelo valle do Alto-Xingú, e para o lado das fronteiras da provincia do Matto-Grosso.

Sobre Fr. Pelino pesava a grave accusação de occupar-se mais do commercio do que da cathechese, em seu proprio interesse pessoal.

E' certo que o missionario fazia importante transacção com a praça do Pará, vendendo partidas de borracha, salsa, oleo de cupahyba, e outros productos naturaes d'aquelle rico territorio, extrahidos pelos indios da missão, e comprando mercadorias estrangeiras.

Este commercio, diziam os cidadãos que representavam contra Fr. Pelino, é feito em grande parte por conta do missionario, que tem chegado até a fazer remessas de sommas importantes para a Europa.

Mas o missionario negava este ultimo facto, e affirmava que o commercio que fazia era, não no interesse proprio, mas sim por conta dos indios da missão, que extrahiam dos matos esses productos e aos quaes elle prestava conta.

Como quer que seja, não tendo o governo provas robustas que o convencessem de que o missionario se locupletava realmente, com prejuizo da missão, provas tanto mais necessarias, quanto mais graves eram as accusações, resolveu sustentar, e effectivamente sustentou o missionario e a missão.

Infelizmente, porém, novas occorrencias sobrevieram, novos factos se deram, que puzeram em dura prova os creditos do missionario.

Os acontecimentos tomaram maior vulto ; a questão foi largamente discutida na imprensa diaria e na tribuna da assembléa legislativa do Pará.

Na camara dos Srs. deputados, a voz authorisada do meu illustre amigo o Sr. Dr. Cantão ergueu-se em favor do missionario.

A opinião esclarecida do paiz manifestou-se de modo positivo, que não é indifferente á questões d'esta ordem.

Ficou fóra de duvidas, infelizmente, que o missionario nem sempre procurou corresponder dignamente á confiança que n'elle depositára o governo imperial.

Então o Sr. ministro da agricultura, por aviso de 22 de Dezembro de 1876, dispensou Fr. Pelino de Castrovalva do cargo de director da Missão do Bacabal, tomando ao mesmo tempo promptas e acertadas providencias para manter a mesma missão, e proseguir com o mesmo vigor com que até agora tem sido feito o serviço da cathechese n'aquellas remotas regiões.

## XXV

Commercio entre os regatões e os indios das margens do Alto-Tapajoz.

A luta desabrida, travada entre os principaes cidadãos do municipio de Itaituba e o missionario do Bacabal, não teve outra causa senão o commercio feito com os indios.

Refiro-me aos indios que habitam a Missão do Bacabal e outros pontos das margens do Alto-Tapajoz, e não aos *Mundurucús* das aldêas centraes, denominadas das Campinas, taes como Necodemos e outras.

Estes, verdadeiramente selvagens, não fazem commercio de natureza alguma, antes parecem evitar relações com missionarios e regatões.

O missionario do Bacabal accumulava as funcções de director do aldêamento, de almoxarife, de mestre-escola do sexo masculino e do feminino, e o de parocho. Não mostrava empenho de obter do governo auxiliares para tantos trabalhos diversos, e isolava completamente a missão do contacto dos moradores, e sobretudo dos regatões.

Todo o commercio dos indios do Bacabal era feito por seu intermedio directamente com a praça do Pará, e d'essas transacções elle não prestava conta alguma ao governo.

Procuramos agora dar uma idéa geral da maneira por que é feito o commercio no Alto-Tapajoz.

O municipio de Itaituba, cujos limites vão além da Missão do Bacabal até as fronteiras de Mato Grosso, é um dos mais ricos do valle do Amazonas em productos naturaes.

Produz em larga cópia borracha de excellente qualidade, genero a que as provincias do Pará e Amazonas devem o rapido desenvolvimento, que tem tido o seu commercio de exportação e importação.

O preço da borracha na praça do Pará tem regulado de 1$500 até 2$ o kilogramma, e só o Tapajoz exporta annualmente cerca de cento e cincoenta mil kilogrammas, e maior seria a exportação se houvesse braços sufficientes para colher todos os productos expontaneos do solo. O municipio produz tambem o guaraná, genero preciosissimo de reconhecidas propriedades medicinaes.

São os indios *Maués* exclusivamente que cultivam a planta e preparam o producto; geralmente o preparam em fórma de pão cylindrico; outras vezes, porém, moldam-n'o sob fórma de animaes da fauna d'essas regiões, taes como antas, serpentes, tartarugas e outros, trabalhando n'este artefacto com notavel intelligencia e gosto artistico.

O guaraná na praça do Pará regula de 4$ a 5$ o kilogramma, e em Mato Grosso, onde se faz d'elle grande consumo, o preço é quatro vezes maior.

Cada tripolante das canôas, que navegam por essas regiões, toma todas as manhãs uma decoção de guaraná, e mesmo varias vezes por dia, como preservativo contr as febres, e isto com feliz resultado.

Produz ainda expontaneamente oleo de copahyba, salsa-

parrilha e outros generos de alto preço e estimação em todos os mercados.

Agora mesmo leio em um acreditado jornal da capital do Pará a seguinte noticia:

« *Indios.*—Vieram a esta capital apresentar-se á presidencia, e promover a venda de duzentas e noventa e duas arrobas (mais de quatro mil kilogrammas), de borracha, um cacique e dezeseis indios *Mundurucús*, aldêados na Missão do Bacabal.

« O fardamento do cacique, bem como a pintura da cara d'esses indios tem provocado a curiosidade do povo. »

O commercio do Alto-Tapajoz é feito por uma classe de negociantes, conhecidos pela designação de *regatões*, que, durante o verão e durante a safra da borracha, penetram por essas regiões em pequenas canôas carregadas de mercadorias. Difficil e arriscada é a navegação pelas cachoeiras; muitas vezes é necessario descarregar toda a canôa, transportar ao hombro a carga por terra na distancia de varios kilometros; depois passar a canôa á força de braços, carregal-a de novo e mais adiante recomeçar o mesmo trabalho, correndo a cada momento o perigo de sossobrar no meio dos innumeros rochedos que obstruem o curso do rio. Accrescem as privações, as febres, e algum assalto possivel de indios ferozes, como *Parintintins*. Alguns regatões, partindo de Itaituba, navegam n'estas regiões, remontando o rio durante um mez e ás vezes dois.

Ahi não encontram com quem commerciar, a não ser os *Mundurucús* e alguns poucos *Maués* selvagens, que andam nús ou semi-nús, não têm a menor noção da nossa lingua, nem do nosso alphabeto, nem do nosso systema de pesos e medidas, nem dos preços correntes dos generos que vendem, nem das mercadorias que compram.

Pois os regatões vendem a credito, parece incrivel, a selva-

gens, que não possuem outro capital além de uma machadinha para cortar a arvore da borracha, mercadorias, que em suas contas correntes attingem muitas vezes á cifra enorme de cinco, seis e sete contos de réis, e as vezes mais! Talvez não houvesse alli um indio que não fosse devedor de somma elevada. Quando se pergunta a estes indios quanto devem, respondem sempre: — *Quem sabe! Só o patrão é que póde saber!* dando sempre o titulo de patrão ao seu credor.

O regatão, credor por sua parte tambem, considera o indio devedor como seu servo; segundo entende mais conveniente a seus interesses, manda-o para as florestas extrahir borracha, prohibindo-lhe expressamente de vendel-a a outro qualquer negociante, ou então leva-o em sua canôa como remeiro, ou leva para sua propria casa quando se acaba a safra e o faz trabalhar debaixo de suas vistas. Levam este abuso odioso a ponto de reduzir os indios a uma especie de escravidão; negam-lhes o direito de irem para onde lhes convem, e se por acaso evadem-se occultamente, elles o vão capturar á viva força.

Muitos lavradores tambem têm um certo numero de indios sob a sua sujeição, e a seu serviço. Eu vi muitos d'estes selvagens, homens, mulheres e crianças, retidos á força em casa dos lavradores. Quando um d'estes credores vem a fallecer, o indio vai para casa d'aquelle a quem cabe em partilha a sua divida. Uma vez eu perguntei no Alto-Tapajoz a quem *pertencia* um indio por quem eu me interessava; responderam-me: «*Ainda não se sabe, porque ainda não está feita a partilha da casa do antigo patrão que morreu ha pouco tempo.*»

Fr. Pelino de Castrovalva, chamando para a Missão do Bacabal grande numero d'estes infelizes, lhes disse: «Meus filhos, vossês nada devem aos regatões contrabandistas;

agora só trabalham para si, para suas mulheres e seus filhos.»

## XXVI

Commercio dos indios com os regatões.—Contas correntes fabulosas e curiosas.

O missionario do Bacabal mostrou-me varias contas correntes, passadas pelos regatões aos indios, nas quaes estes figuravam sempre como devedores d'aquelles de quantias muito elevadas.

Adiante transcrevemos a conta corrente entre o regatão Manoel Quirino Paes e o indio cacique Joaquim Correia Piampé. Em seguida damos a mesma conta corrente, mas já calculada em moeda e com os respectivos preços.

Por ella se verá, que ainda mesmo suppondo que tivesse havido exactidão e lisura quanto á quantidade e qualidade das mercadorias vendidas, e quanto ao peso de borracha comprada, ainda assim as mercadorias foram vendidas ao indio com porcentagem de 400 por cento.

Segue-se outra conta corrente, pela qual se vê que o cacique José Francisco é devedor ao regatão José Domingos de Oliveira da enorme somma de seis contos oitocentos setenta e seis mil duzentos e oitenta e dois réis!

Parece uma transacção feita entre ricas partes; mas José Domingos de Oliveira não é mais do que um pobre regatão, estabelecido em modesta cabana á margem do Alto-Tapajoz, e o cacique José Francisco é um selvagem analphabeto, semi-nú.

CONTA CORRENTE

« O cacique Joaquim Corrêa Piampé deve a Manoel Quirino Paes até 28 de Março :

| | | | |
|---|---|---|---|
| 2 | peças de americano grosso, 80 jardas . . . . . | 5 arrob., | seringa. |
| 2 | peças de riscado forte, 80 jardas | 5 » | |
| 1 | peça de riscado xadrez, 35 jardas | 1 » | e meia. |
| 4 | peças, fino largo, 80 jardas . . | 4 » | |
| 2 | peças de lenços . . . . . | 1 » | |
| 10 | alqueires de sal. . . . . | 6 » | |
| 2 | barris de polvora, 50 lib. ; 3 arrobas de chumbo . . . . | 10 » | |
| 8 | frasqueiras de cachaça com garrafão | 10 » | |
| 6 | milheiros de espoletas. . . . | 2 » | |
| 1 | caixa de sabão, 42 lib. . . . | 1 » | |
| 1 | libra de linha de novellos. . . | 1/2 » | |
| 5 | armas fulminantes. . . . . | 5 » | |
| 1 | chapéo preto fino . . . . . | 3 » | |
| 2 | duzias de terçados americanos . | 7 » | |
| 1 | duzia de terçados americanos grandes . . . . . | 3 » | |
| 9 | isqueiros com fuzil. . . . . | 1 » | e 4 lib. |
| 100 | pederneiras de fogo . . . . . | 11 » | e 8 » |
| 4 | facas pampas . . . . . | 2 » | |
| Resto da conta de 1870 . . . . . | | 11 » | |
| | Somma. . . . . | 76 1/2 arrobas. | |

« A 16 de Fevereiro de 1872 recebi vinte e cinco arrobas de seringa, duas arrobas de sernambi e cinco ditas de breu. Resta-me cincoenta arrobas. »

Para dar uma idéa mais clara d'esta transacção, damos em seguida esta mesma conta corrente, mas reduzida já á nossa moeda, com os preços correntes na praça do Pará, relativos á época em que foi feita a permuta.

Por elle se vê que as mercadorias foram vendidas ao indio com uma porcentagem de mais de 400 por cento.

| Generos vendidos, a receber em borracha | BORRACHA A RECEBER | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | Custo | Somma | Com 100 o/o | Por | @ | lb | Preço | TOTAL |
| 2 Peças de americano grosso legitimo, 80 jardas . . . . . | $440 | 35$200 | 70$400 | por | 5 | » | 25$000 | 125$000 |
| 2 Peças de riscado forte legitimo, 80 jardas | $660 | 52$800 | 105$600 | » | 5 | » | » | 125$000 |
| 1 » » » xadrez, 35 jardas . | $260 | 9$100 | 18$200 | » | 1 | 10 | » | 32$814 |
| 4 » » » largo, 85 jardas . . | $400 | 34$000 | 68$000 | » | 4 | » | » | 100$000 |
| 2 » » lenços . . . . . | 5$000 | 10$000 | 20$000 | » | 1 | » | » | 25$000 |
| 10 Alqueiros de sal . . . . . | 1$600 | 16$000 | 32$000 | » | 6 | » | » | 150$000 |
| 2 Barris com 50 lb. de polvora . . . . | 1$000 | 50$000 | 100$000 | » | 10 | » | » | 250$000 |
| 3 Arrobas de chumbo . . . . . | 4$400 | 13$200 | 26$400 | | | | | |
| 8 Frasqueiras com cachaça, com garrafão | 6$000 | 48$000 | 96$000 | » | 10 | » | » | 250$000 |
| 6 Milheiros d'espoletas . . . . . | 1$000 | 6$000 | 12$000 | » | 2 | » | » | 50$000 |
| 1 Caixa com sabão (42 lb.) . . . . . | $400 | 16$800 | 33$600 | » | 1 | » | » | 25$000 |
| 1 Lb. linha em novellos . . . . . | 1$500 | 1$500 | 3$000 | » | | 16 | » | 12$500 |
| 5 Espingardas entrefinas . . . . . | 15$000 | 75$000 | 150$000 | » | 5 | » | » | 125$000 |
| 6 Chapéos pretos finos . . . . . | 4$000 | 24$000 | 48$000 | » | 3 | » | » | 75$000 |
| 2 Duzias terçados americanos legitimos . | 25$000 | 50$000 | 100$000 | » | 7 | » | » | 175$000 |
| 1 Duzia machados grandes legitimos . . | | 32$000 | 64$000 | » | 3 | » | » | 75$000 |
| 9 Isqueiros com fuzil . . . . . | | 4$000 | 8$000 | » | 1 | 4 | » | 28$124 |
| 100 Pederneiras . . . . . | | 2$000 | 4$000 | » | | 8 | » | 6$250 |
| 4 Facas pampas . . . . . | $500 | 2$000 | 4$000 | » | | 20 | » | 15$624 |
| | | 481$600 | 963$200 | | 65 | 26 | | 1.645$312 |

Saldou a conta antiga, e deu por conta da presente conta o seguinte:

| | | |
|---|---|---|
| 9 Arrobas de borracha a 25$000. . . | 225$000 | |
| 2 Arrobas de Sernambi a 16$000. . . | 32$000 | |
| 5 Arrobas de Breu a 2$000 . . . . . | 10$000 | 267$000 |
| | | 1.378$312 |

OUTRA CONTA CORRENTE

*Cacique José Francisco da Boa-Vista a José Domingos de Oliveira Bahia, comprou as seguintes mercadorias e*

| | | | DEVE | |
|---|---|---|---|---|
| | | Importancia que ficou devendo desde 11 de Agosto de 1870 até 8 de Junho de 1871. | | 3:996$815 |
| Junho 9 1871 | 1 | Inxó de Fuzil | | 5$520 |
| | 3 | Duzias de colheres de chumbo | 1$600 | 4$300 |
| | 24 | Ralos de cobre | 1$325 | 31$800 |
| | 16 | Tesourinhas finas | $550 | 8$800 |
| | 1 | Barrica com 25 libras de polvora | 1$980 | 49$500 |
| | 1/2 | Arroba de chumbo | 10$830 | 16$245 |
| | 2 | Galões de kérozene | 6$500 | 13$000 |
| | 12 | Massos de coraes | 1$000 | 12$000 |
| | 13 | Massos de missangas brancas finas | $520 | 6$700 |
| | 6 | Frasqueiras de cachaça | 13$320 | 73$920 |
| | 12 | Terçados americanos | | 56$207 |
| | 2 | Bahús de tres palmos | 12$000 | 24$000 |
| | 2 | Caixas de sabão com 90 libras | $360 | 32$400 |
| | 1/2 | Arroba de assucar | 12$000 | 18$000 |
| | 1/2 | Dita de café velho | | 9$525 |
| | 2 | Vidros de balsamo Philantropico | 19$000 | 3$800 |
| | 2 | Frascos de salsaparrilha de Bristol | $400 | 2$800 |
| | 2 | Vidros de Opodeldocc | 1$200 | 2$400 |
| | 1 | Garrafa de oleo de amendoa doce | 5$480 | 10$960 |
| | 8 1/3 | Covados de baêta encarnada | $800 | 1$600 |
| | 1 | Caixa de genebra Altona | | 13$500 |
| | 6 | Chapéos finos de feltro | 5$000 | 30$000 |
| | 6 | Copos de pedra | | 3$000 |
| | 120 | Pederneiras | 1$600 | 2$400 |
| | 5 | Alqueires de sal ensacados | 5$000 | 25$000 |
| | 2 | Arrobas de arroz | 7$680 | 15$360 |
| | 20 | Ouvidos para armas | $300 | 4$000 |
| | 2 | Mòlhos de tabaco, digo 1 dito de 4 libras | 7$000 | 14$000 |
| | 100 | Pregos meio forros | | 1$540 |
| | 4 | Latas de bolachinhas de soda | 1$500 | 6$000 |
| | 2 | Machados americanos | 3$700 | 7$400 |
| Março 23 1871 | 12 | Libras de sabão | $400 | 4$800 |
| | 1/2 | Groza de botões | | $600 |
| | 2 | Alqueires de sal | 5$000 | 10$000 |
| Junho 9 1871 | 10 | Armas fulminantes finas | 28$000 | 280$000 |
| | 2 | Peças de americano, marca nova, 83 jardas | $656 | 54$448 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | 2 | Ditas inglez, 68 jardas..... | $560 | 38$080 |
| | 1 | Dita de dril branco, 42 1/2 jardas... | $800 | 33$600 |
| | 2 | Ditas tinto largo, com 80 jardas..... | $660 | 52$800 |
| | 2 | Ditas de dita, estreita, 80 jardas..... | $385 | 30$880 |
| | 1 | dita de dril azul, 42 jardas..... | $127 | 50$694 |
| | 1 | Dita de riscadão Francisco, 34 jardas. | 1$100 | 37$400 |
| | 1 | Dita forte, superior, 39 jardas..... | 1$225 | 47$770 |
| | 1 | Dita de rapão azul, 41 jardas..... | $332 | 35$212 |
| | 2 | Ditas de riscadão xadrez, 70 jardas.... | $450 | 31$500 |
| | 1 | Dita azul e branco, 34 jardas..... | $450 | 13$525 |
| | 3 | Ditas de superior qualidade, 72 jardas..... | $500 | 3$600 |
| | 2 | Ditas de chitas finas de côres, 7 1/2 covados..... | $480 | 35$680 |
| | 2 | Ditas rôxas, 74 covados e 2/3..... | $400 | 29$783 |
| | 2 | Ditas azul, 74 covados e 2/3..... | $400 | 29$783 |
| | 2 | Ditas encarnadas, 74 covados e 2/3... | 4$800 | 35$680 |
| | 6 | Córtes de calças de dril..... | 3$620 | 21$720 |
| | 3 | Pares de lenços finos de côres..... | 6$600 | 17$800 |
| | 1 | Serrote grande..... | | 6$000 |
| | 3 | Duzias de facas Pampas, grandes.... | 9$530 | 28$580 |
| | 2 | Ditas de pentes de seringa, altos, ns. 32. | 2$950 | 41$900 |
| | 2 | Libras de linha de novellinhos..... | 2$900 | 5$800 |
| | 3 | Duzias de carrinhos de dito..... | $600 | 1$800 |
| | 2000 | Anias..... | 2$100 | 4$200 |
| | 24 | Peças de clastros de côres..... | 1$920 | 3$840 |
| | 3 | Grosas de botões para camisas..... | $400 | 1$200 |
| | 6 | Ditas de marca..... | $400 | 2$400 |
| | 7 | Libras de linha de pescar..... | 2$800 | 19$600 |
| Julho 16 1871 | 5 | Milheiros de espoletas..... | 2$400 | 12$000 |
| | 4 | Duzias de itassumbas..... | 1$600 | 6$400 |
| | 2 | Peças de chitas finas de côres, 74 2/3 covados..... | $400 | 29$600 |
| | 2 | Ditas americano, marca nova, 83 jardas | $750 | 62$250 |
| | 3 | Ditas dito, tinto, largo, 6 jardas. . . . | $580 | 34$800 |
| | 16 | Latas de pomadas. . . . . | $450 | 7$200 |
| | 2 | Frascos de vinagre. . . . . | 1$800 | 3$600 |
| | 6 | Ditos de vinho tinto. . . . . | 3$600 | 19$200 |
| | 4 | Duzias de tigelas. . . . . | 3$500 | 14$000 |
| | 6 | Pares de chicaras. . . . . | $020 | 7$920 |
| | 1 | Frasqueira de cachaça. . . . . | | 13$200 |
| | 1 | Duzia de pratos brancos finos. . . . . | | 3$500 |
| | 4 | Garrafas de agua Florida. . . . . | 1$700 | 6$800 |
| Outubro 2 de 1871 | 300 | Pregos de fôrro. . . . . | | 12$000 |
| | 2 | Frasqueiras de cachaça. . . . . | 13$200 | 26$400 |
| | 1 | Peça de americano trançado legitimo, 42 jardas . . . . . | $990 | 41$500 |
| | 2 | Garrafas de licor. . . . . | 7$200 | 2$400 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| | 1 | Duzia de facas Pampas, grande. . . . | 11$040 | 11$749 |
| | | Dinheiro que pediu. . . . . | | 4$000 |
| | 1 | Cabeça de cordas para cavaquinho. . | | $500 |
| | 24 | Ralos de cobre. . . . . | 13$200 | 26$400 |
| | 1 | Molho de tabaco. . . . . | | 12$000 |
| | 18 | Libras de assucar. . . . . | $320 | 5$760 |
| Dezembro | 1 | Milheiro de espoletas. . . . . | | 1$500 |
| 2 de 1871 | 1/2 | Frasqueira de caxaça . . . . . | | 6$600 |
| Março 2 | 1 | Mólho de tabaco. . . . . | | 10$000 |
| 1872 | | Importancia que paguei a Paulo Christo | | 41$040 |
| | | Com os 10 °/₀ da dita quantia. . . . . | | 84$144 |
| | | Somma S. E. . . | | 6:876$282 |
| | | HADE HAVER: | | |
| | 3 | Arrobas de sernambi. . . . . | $800 | 24$000 |
| | 45 | Arrobas de seringa fina, embarcadas para capital por sua conta e risco. | | |

Jacú-coara, 9 de Março de 1872.

*José Domingos de Oliveira Bahia.*

Ver página 156!

11$040
11
11$040
11$040
11$040
121$44

## XXVIII

### Estado actual da raça indigena no valle do Amazonas.

Os altos poderes do Estado não descuram da sorte das populações indigenas que ainda andam errantes pelas florestas, como animaes bravios, e a lei do orçamento consagra todos os annos verba importante para este ramo do serviço publico.

Mas o governo encontra grandes difficuldades para realizar este nobre empenho, sendo uma das principaes a falta de missionarios, e de pessoal idoneo e dedicado.

A experiencia tem infelizmente provado que não se póde contar com o concurso do clero nacional.

No valle do Amazonas a população indigena pode-se considerar dividida em duas partes bem distinctas. Uma, composta dos descendentes dos antigos selvagens, trazidos das brenhas pelos missionarios de outr'ora; são actualmente, não direi christãos nem catholicos, porém baptizados. Vivem em ligeiras cabanas, ás margens dos rios; caçam, pescam, e extrahem das matas productos naturaes, que vendem aos commerciantes.

Quando crianças são levados ao parocho que os baptiza, e voltam á cabana paterna, crescem e vivem á lei da natureza; mas são considerados catholicos e como taes figuram nas estatisticas. Entretanto, indifferentes aos preceitos do christianismo, mesmo porque os ignoram, conservam-se aferrados a superstições de sua antiga mythologia.

A mor parte d'elles não ouve sequer uma vez em todo o decurso de sua existencia a explicação da doutrina christã.

A outra parte da população indigena é a que se acha

ainda inteiramente selvagem. Esta vai-se afastando cada vez mais das margens do Amazonas, e procura de preferencia os cursos superiores de seus affluentes. Por esta fórma collocam entre si e as populações baptizadas uma larga secção de cachoeiras.

Mas esta especie de territorio neutro é constantemente invadida pelos regatões, que penetram com incrivel audacia pelos mais reconditos sertões; e vão, arrostando mil perigos convidar o selvagem, não para dedicar-se á lavoura, mas para extrahir borracha, salsa e outros generos de permuta. Assim, são os regatões que vão attrahindo um por um os habitantes das selvas para o campo do trabalho.

Mesquinho é, pois, o quinhão que coube ás populações indigenas do valle do Amazonas, na partilha d'este thesouro de prosperidade, que a civilisação e o christianismo lhes devia trazer. Para elles parece que Colombo não veiu á America nem Christo ao mundo.

Ainda esboçarei um ligeiro quadro da vida d'estes desherdados de fortuna, e será o ultimo.

A' margem esquerda do Alto-Tapajoz, no meio da secção das cachoeiras, não longe de Bacabal, e entra esta missão e a importante villa de Itaituba encontrei as ruinas de uma antiga feitoria.

Eram destroços de quatro vastas casas, cobertas de palha de palmeiras, que foram propriedade de um temerario sertanejo de nome Manoel Quirino Paes, que pouco tempo antes tinha sido assassinado, deixando após si grande fama.

Era um mulato, que descêra da provincia de Mato Grosso como simples remeiro de canêa, ganhando mesquinho salario por trabalhos longos e descommunaes.

Mas o mulato abandonou a canôa e o patrão, e fixou-se n'esses lugares, occupando-se da extracção de borracha.

Depois associou a si, como companheiro e camarada, um indio *Maués*, depois outro, depois mais outro, até que ultimamente teve em sua companhia perto de cem indios de ambos os sexos.

Dotado de grande energia e methodo de trabalho, apoderou-se de uma larga zona de terra em cada uma das margens do rio, e de uma importante ilha que fica de permeio—que tudo era terreno nacional devoluto.

Este territorio poderia conter cerca de cinco mil arvores de borracha. Logo ao amanhecer o activo sertanejo fazia seguir em todas as direcções para os seus seringaes uma flotilha de ligeiras canôas, e á tarde cada indio regressava, trazendo pouco mais ou menos cinco kilos de borracha. Bem entendido, que todos os indios trabalhavam por conta do laborioso mulato, que durante a safra da borracha podia fazer, e fazia sem esforço, uma receita diaria no valor superior de cento e cincoenta mil réis.

A exportação que fazia annualmente d'este genero era realmente consideravel, e eu ouvi varios commerciantes de Itaituba calcularem-n'a em quantia superior a vinte contos. Tornado assim opulento, o mulato trazia os indios em verdadeiro e rigoroso captiveiro. Ai d'aquelle que tentasse ausentar-se de sua feitoria!

As mulheres eram empregadas em serviço de casa, e não iam ao mato cortar borracha. Nem por isso o captiveiro era menos duro.

Entre as captivas havia uma moça da tribu *Maués*, de nome Francisca, que, indignada, nunca pôde curvar-se ao despotismo e aos caprichos deshonestos d'esse tyrannete. Duas vezes tentou fugir, mas ambas foi capturada e rigorosamente castigada.

Então concebeu o firme proposito de vingar-se, e confiou a execução de sua justa vingança a um indio, ainda

criança, da tribu *Apiacá*. A india entregou uma espingarda carregada a este rapaz, conhecido pelo nome e appellido de José Apiacá, e o levou uma noite de emboscada defronte da porta por onde tinha de entrar o sertanejo. Quando este appareceu José Apiacá hesitou ; mas a india, que se conservava a seu lado quiz, arrancar-lhe a arma da mão, tratando-o de fraco e sem brio. Então José Apiacá desfechou o tiro, cahindo o verdugo morto, envolto em jorros de sangue.

Levados ao jury em Santarem, Francisca Maués declarou-se unica autora do crime ; erguendo a curta saia perante o tribunal, mostrou as pernas ainda com os vestigios dos ferros que por longo tempo soffrêra.

Diante de um auditorio numeroso e transido de pasmo, a india indignada revelou as scenas de barbaridades e horrivel devassidão, que tinham por theatro a feitoria d'aquelle homem feroz, e por victimas ella, e suas companheiras de captiveiro e de infortunio. O jury a absolveu.

José Apiacá, menino de physionomia doce e attrahente, declarou que matára o algoz para libertar os seus companheiros e para vingar Francisca Maués, a quem amava.

O jury o condemnou, e o infeliz achá-se actualmente cumprindo sentença na casa de correcção da Bahia.

Os indios da feitoria dispersaram-se immediatamente. Ha cerca de quatro annos que recuperaram a liberdade quando menos o esperavam ; e a heroica criança que lhes quebrou os ferros da escravidão, longe dos seus, esquecido em sua prisão, ainda nem mesmo attingiu á maioridade.

## XXIX

Regresso desde a *maloca* de Necodemos até as cabeceiras do Caderery. O grito de anhangá. Despedida.

Quando chegou, emfim, a hora do meu regresso, fui de casa em casa despedir-me de todos os habitantes de Necodemos.

N'esta occasião treze *Mundurucús*, em cujo numero estava o que me havia feito presente da cabeça *Parintintin*, tomaram seus arcos e flechas, e puzeram-se em movimento de me acompanhar, sem ter-me dito cousa alguma a respeito d'esta resolução. Confesso que não fazia o menor empenho de ver em minha companhia estes barbaros durante oito dias atravez essas matas bastas e desertas, antes fazia sinceros votos para que se ficassem em paz em sua *maloca*.

Disse-lhes que eu já não tinha farinha nem viveres, e que impossivel seria ácerca de vinte homens, que tantos ficavamos sendo, caminhar durante tanto tempo sem recurso algum.

Mas esta questão em nada os preoccupava ; apenas levavam comsigo algumas batatas, que quando muito poderiam bastar para um frugal almoço.

Não sei realmente de que aquelles homens se sustentavam durante esta viagem. Iam constantemante caçando, e apanhando aves, lagartos e fructos silvestres, com que se nutriram.

De espaço a espaço encontravamos limpidos e deliciosissimos regatos, e os selvagens nunca perdiam occasião de atirar-se n'estas frescas correntes, tanto mais que nenhum trabalho tinham de despir-se nem de vestir-se. A' noite nos reuniamos ao som da buzina, e sempre pousavamos á beira

de um riacho, que vai serpenteando em todas as direcções, ou correndo atravez dos campos, ou á sombra de mattas virgens.

Depois da refeição da tarde cada um de nós armava sua rede ; aquelles que as não traziam faziam camas de ramas de arvôres.

*Maués* e *Mundurucús* dormiam tranquillamente ao lado um do outro, tribus outr'ora inimigas implacaveis, que não se encontravam sem bater-se.

Tenho muitas vezes ouvido fallar no silencio profundo dos desertos. Mas durante a noite, n'estas solidões, um só momento não se passa de silencio absoluto. Mil vozes descompassadas, umas perto, outras ao longe, roucas ou agudas, estridentes ou plangentes—ranger de ramos uns sobre outros, chilrar de insectos, o silvo de reptis e o cantar lugubre de aves nocturnas, constituem uma orchestra de singular effeito.

No meio d'estes sons discordantes nota-se um grito ao mesmo tempo agudo e plangente, que parece mudar continuamente de lugar.

Os *Maués*, gentio de nação *Tupy*, diziam ser o *grito de anhangá*. Mas, apezar de eu os interrogar varias vezes sobre este assumpto, não consegui saber se elles attribuiam o grito simplesmente a um pequeno veado branco, que designam pelo nome de *anhanga*, ou se o attribuiam ao espirito maligno, que, segundo suas crenças, costumam encarnar-se em veado para os vir enganar e desvial-os do caminho quando vão á caça. Entretanto, quando fallavam em *anhangá*, não davam manifestação alguma de terror supersticioso.

Pois a theogonia *tupy* representa o principio do mal simplesmente sob a figura de um veado matreiro, que tece engenhosos ardiz para transviar os caçadores.

Já não é Siva, sempre sedento de sangue como se affi-

gurava na mais remota civilisação sanscrita, nem o Arithman dos persas.

Está mesmo muito longe da figura, ao mesmo tempo terrivel e carnavalesca, de Satanaz, de que tanto fallavam os antigos missionarios em suas predicas e em suas chronicas.

A' cabeceira do Caderery passei o ultimo dia e a ultima noite em companhia dos *Mundurucús* que desde Necodemos me haviam acompanhado.

Fiz-lhes presentes de tudo quanto eu trazia em minha canôa, mesmo de objectos de meu uso particular que não me fossem estrictamente necessarios, e senti profundamente não poder n'essa occasião dispor de mais recursos para obsequial-os.

A' ultima hora ainda insisti com estes selvagens, para que viessem ver nossas cidades, ou ao menos para que mandassem alguns de seus filhos, compromettendo-me eu a fazel-os regressar mais tarde para a companhia de seus pais.

Alguns apenas responderam por um signal negativo, e outros nem siquer responderam, como se não considerassem o convite digno de ser tomado em consideração.

Parece que sobre estes miseros selvagens e seus filhos cahe com todo o rigor da fatalidade o terrivel anathema— de que resam os livros santos: *Vagus et profugus éris super terram.*

---

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

# Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

**Contato**

**E-mail : acervodigitalsec@gmail.com**

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura